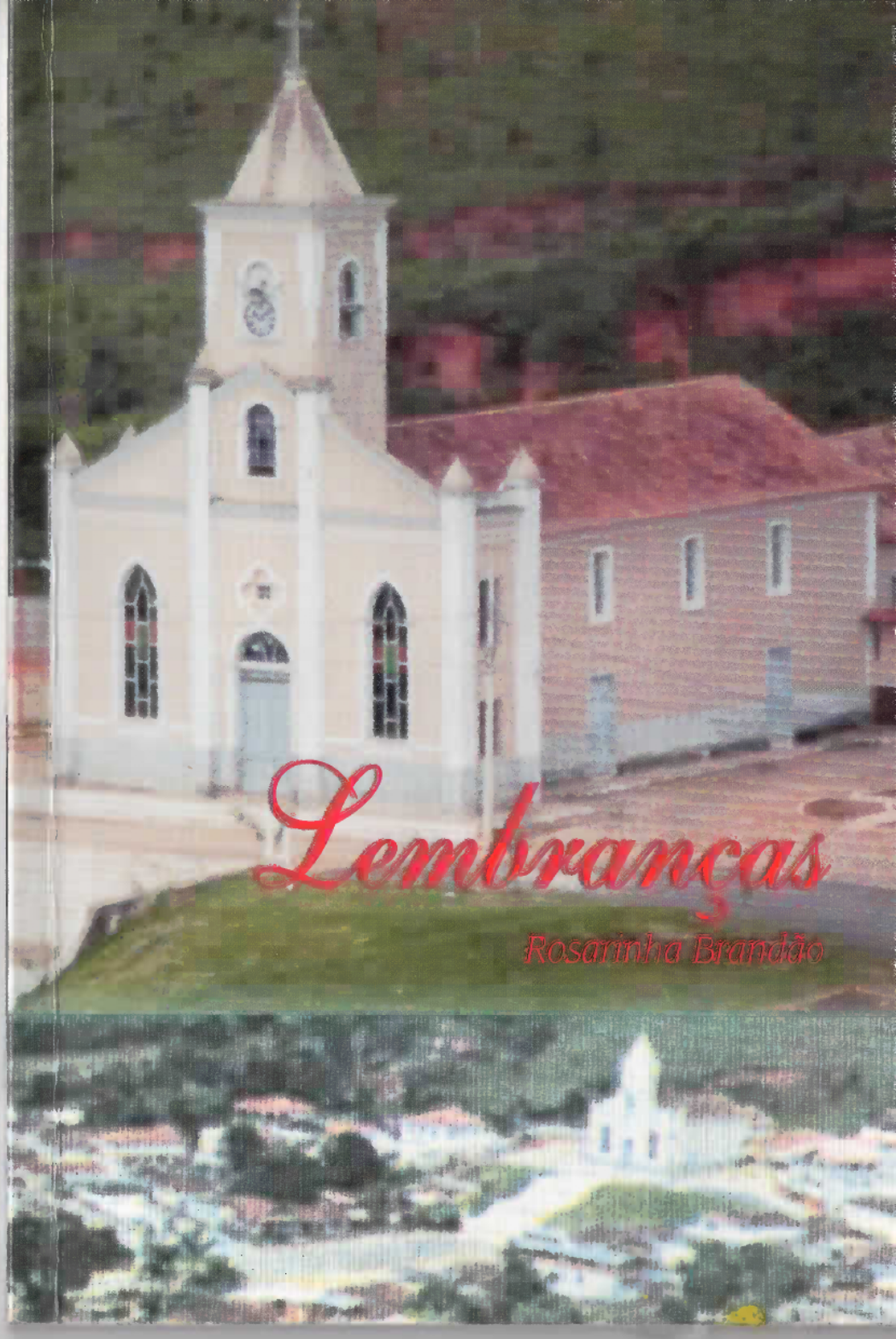

Lembranças
Rosarinha Brandão

Natal janeiro 2007

Lembranças

Rosarinha Brandão

Lembranças

Belo Horizonte
2003

Prefácio

Amparo do Serra é uma daquelas cidadezinhas que você sai dela, mas ela não sai de você. A vida simples, a gente pacata, acolhedora, de pouca vaidade, a culinária original e a fé inabalável em sua padroeira seduzem quem ali vai.

O local escolhido por imigrantes italianos, portugueses e espanhóis para formar um povoado parece determinado a não crescer, contrariando o tempo, só para conservar a mineiridade.

A arquitetura espontânea mostra o descompromisso com a formalidade. O serrense recebe suas visitas na cozinha, em torno de um fogão à lenha, bebericando um gole de café.

Enfim, uma cidade cheia de personagens, com uma história em cada esquina. O progresso vai chegando devagarzinho sem trazer junto o "stress" que consome as pessoas. Dados técnicos como suas coordenadas geográficas e números de IBGE não acrescentam informação alguma a seu respeito.

Isto é Amparo do Serra, ou carinhosamente o Serra. Cenário tão atraente que inspirou Rosarinha, uma autêntica filha da terra, a escrever um livro com suas mais doces lembranças. Cada fase da sua vida tem um fato para contar: garota inquieta, adolescente questionadora, mãe moderna, mulher competente e hoje, vovó-ternura.

Casos pitorescos, descritos com habilidade e humor, nos fazem empreender uma viagem no tempo, sem vontade de voltar.

Para quem conhece o Serra, ler este livro trará saudades e boas recordações.

Para os demais, será uma oportunidade de se emocionar ao conhecer o significado prático das palavras vizinho, padrinho, amigo, compadre... e descobrir que existe um lugar parecido com aqueles desenhos inocentes que toda criança faz: casinhas coloridas, com uma porta, duas janelas, flores, meninos brincando ao redor, chaminé saindo fumaça e o sol radiante. É o mundo do nosso subconsciente. É qualquer parte do Serra. São nossas LEMBRANÇAS de tempos felizes!

Maria Nazareno Ubaldo Barbosa Cária e filhos Maria José, Cassiano e Ana Elisa

Dedicatória

Para os meus filhos;
Maria Elisa,
Paulo,
Rogério,
Denise e
Raquel,
Júlio,
Tanja,
Philipp e
Leonardo,

Para o meu **Augusto** marido, causa e solução de todos os meus problemas, para que conheçam um pouco mais da minha história;

Para os meus queridos Conterrâneos, cuja convivência ajudou a fazer de mim a pessoa que sou.

As pessoas famosas e importantes escrevem "Memórias", como não sou famosa nem importante, vou escrever aqui minhas **"LEMBRANÇAS"**.

Estou escrevendo porque percebo que algumas coisas já começo a esquecer e estas lembranças do "Serra" são tão doces para mim que dói quando penso que vão desaparecer comigo.

Há tempos perguntei ao meu marido se ele achava que haveria algum interesse para alguém se eu escrevesse um livro. Resposta em tom de voz desanimado: "_ Eh!... Talvez...para as pessoas do Serra, sim."

Desde bem menina ainda, quando li o livro de Lindolfo Bellico, pensei que um dia, escreveria um.

Mas foi coisa de criança, não pretendo mais escrever um livro. Não quero ficar fazendo revisões e correções. Não quero usar a cabeça. Quero entregar esta caneta ao coração e deixar que ele a conduza. Sendo assim, não sendo um livro, não terá capítulos, nem ordem cronológica ou de importância. Nem sei mesmo se tudo que eu relatar aqui aconteceu de fato ou foi imaginação minha. Tudo que será escrito aqui, será apenas sentimento, nada mais.

Eu costumo dizer que nasci no Serra, por "acidente geográfico".

Meu pai e minha mãe nasceram, se criaram, viveram, se conheceram, se apaixonaram, em Ubá-MG. Casaram-se e mudaram-se para o Serra.

Papai, recém formado em farmácia, foi à procura de um lugar para se estabelecer. Naquele tempo, (bom tempo!) a pessoa que se formava, não procurava emprego, se virava por si mesma: era profissional liberal.

Papai soube, não sei como, que havia uma farmácia à venda no Serra e para lá se foi. Comprou a farmácia — fiado é claro! - batizou-a de São Geraldo e para lá se mudou sozinho, com 22 anos de idade. Hoje, que já tive filhos com essa idade, fico imaginando... O Serra em 1933... Estrada para Ponte Nova, a cidade mais próxima, de terra... E dá-lhe morro atrás de morro! Não havia rede de esgoto, nem água encanada dentro de todas as casas, nem jornal diário, nem rádio. Telefone nem pensar!...

E médico?!... Dr. Antônio, recém-formado também, morava na Fazenda do Quartel e parece que não parava muito por lá.

Parece-me que o Sr. Antônio Pedro já tinha a Farmácia N. S. do Amparo em funcionamento.

Papai, enquanto estudava, morou em casa do tio Tatão (Sebastião de Oliveira Brandão) que era farmacêutico, proprietário da Farmácia S. Geraldo, professor na Escola de Farmácia e Odontologia de Ubá. Papai cuidava da farmácia - começou lavando vidros, varrendo o chão e espanando - como gostava de contar. Depois, aprendeu a manipular fórmulas, aplicar injeções e fazer curativos. Mas em Ubá havia médicos, meu tio certamente não receitava e papai nunca teve de receitar. No Serra, teve que enfrentar sozinho a responsabilidade de indicar os remédios que os doentes iriam tomar.

Depois de anos, ele ficou craque nisso e até mamãe e mesmo os rapazes que trabalharam com eles, mais tarde.

Mamãe era costureira - modista - como ela gostava de dizer e lecionava em uma escola particular de ensino primário.

Depois que se casaram, mamãe foi para o Serra e também mergulhou de cabeça no trabalho. No princípio, ela tentou ser costureira mas depois chegou à conclusão que era melhor mesmo trabalhar na farmácia, e começou a aprender.

Mas papai sempre dizia que para pagar a dívida da farmácia, o que ajudou mesmo, foram os porcos que eles criavam e vendiam par o Sr Artur Mucci.

Papai, enquanto solteiro, morava na pensão de D. Terezinha Pataro. Depois de casados foram morar na "casa da estrela" (que eu nunca soube porque a chamávamos assim) onde ficava a farmácia.

Eram vizinhos do meu padrinho Juca Raimundinho e minha madrinha Chiquinha que segundo mamãe, foi quem a ajudou a me criar. "— Ai de mim se não fosse sua madrinha Chiquinha e as meninas dela!" dizia sempre. As "meninas dela" eram Filhinha, Deolinda e Taninha.

E a história que Madrinha mais gostava de me contar, é que ela me dava angu para comer pelo buraco da cerca, no quintal.

E quando eu vim para BH estudar, as palavras dela foram: "— Olha aqui, minha filha, você pode estudar, ficar importante o quanto quiser mas não fique "mitida" (mitida no dicionário serrense, da época, era orgulhosa, julgando-se melhor que os outros) porque eu sempre vou contar prá todo mundo que você de pequenininha passava fome porque sua mãe achava que tudo ia lhe fazer mal e eu lhe dava angu pelo buraco da cerca e você comia com satisfação!".

Ah! Que saudades dos olhinhos azuis de madrinha Chiquinha! Da ternura com que eles me olhavam!

Às vezes, eu penso — porque eu tenho uns parafusos bambos e outros apertados demais na cabeça — então, às vezes eu penso que eu não fiquei "pirada de vez" porque, quando eu era criança, eu tinha uma certeza danada que as pessoas gostavam muito de mim. E por isso eu achava o mundo muito bom!

Madrinha Chiquinha, toda vez que fazia doce, tirava um "pratinho" que era um "pratão" e mandava prá mim. E ela estava sempre fazendo doce! Principalmente arroz doce e pão dourado. Se fazia quitanda também eu recebia lá em casa. Isso, quando eu não "aparecia" por lá no dia "D" e ficava "rodeando" até me fartar. Ah! a farinha que madrinha torrava e mamãe mandava prá nós no colégio!... Fazia descer qualquer comida de internato! Nunca mais comi outra tão gostosa!

O queijo que mamãe mandava para nós, no internato, era feito por seu Zito Conegundes e D. Jandira, o melhor queijo do mundo!

Uma coisa da casa de madrinha Chiquinha que eu via e cheirava e ficava na vontade, era um feijão que ela refogava em cima da rapa do angu. Papai e mamãe não davam licença prá gente almoçar nem jantar fora de casa. Não sei porque, nunca pensei em

pedir Doínha prá fazer isso lá em casa prá mim... Mas assim que me casei, tive minha casa, aí matei minha vontade! Há alguns dos meus filhos que não gostam. Mesmo assim, ainda faço e acho uma delícia!

Padrinho Juca me supria de frutas, que ele trazia do sítio, principalmente bananas que até hoje são minhas frutas prediletas. Ingá, ele me buscava lá em casa para comer do pé. Quando fiquei mocinha, ele me dava sempre o suplemento feminino de "O Jornal" que eu apreciava muito. Aliás, o suplemento, ele repartia entre mim e Jura e isto porque os dois gostavam muito de Jura também. E eu tinha um ciúme danado...também tinha ciúme de Didina de seu Astolfo Mafia quando ela morou com eles....

Coisa interessante, as frutas do Serra! Era como um pomar coletivo. Na casa de Padrinho Juca havia o pé de ingá. Sá Maria Idalina tinha fruta do conde. Seu Juca Diogo, abiu. Seu Arnaldo dos Passos, carambola. Compadre Quinto e Comadre Irene, jabuticaba. Nieta, cambucá. Lá em casa tinha limão-capeta (servia para arear os tachos) que fazia uma limonada gostosa mas não sei porque a gente só tomava escondido de papai e principalmente quando tia Lourdes ia lá em casa. Ah! as laranjas da Bahia eram na casa de D. Etelvina. Laranja campista, manga e goiaba, acho que todo mundo tinha.

As pessoas, segundo suas posses, necessidades, grau de parentesco ou amizade, compravam, vendiam, davam ou ganhavam as frutas. Eu gostava muito de ganhar e mesmo comprar mas quando iam lá em casa buscar limão e mamãe me mandava apanhar, eu tinha uma preguiça danada e resmungava bastante.

A última coisa que seu José Estêvão fez antes de morrer, foi entregar um mamão para papai pela janela do quarto onde papai se encontrava fazendo a barba.

Seu Pedro Ribeiro, também sempre levava banana-ouro pra mim.

Estas frutas me fazem sempre lembrar essas pessoas mas as jabuticabas são especiais! Como chegar perto de um pé de jabuticaba sem lembrar o dia em que Tereza de Quinto (como a gente falava) caiu da jabuticabeira c um toco de galho cortado entrou na perna dela?! A meninada fez romaria o dia inteiro, para

ver as duas bolinhas de gordura dela que ficaram agarradinhas no galho. E acho que por vários dias ninguém subiu em pé de jabuticaba...

Laranjas da Bahia me fazem lembrar de D. Etelvina e seu Juca Pataro.Ás vezes, nós íamos lá bater papo e chupar laranjas. D. Carmem e Dr. Antônio algumas vezes iam junto conosco. As filhas de D Etelvina eram Clara, Branca e Alva e também Maria e Tereza e havia também o José que era o único homem e houve uma época em que ele pegava uns periquitinhos verdes e colocava em uma gaiolinha feita por ele e levava para mim. Falo uns periquitinhos, porque ele levava um, aí o pobrezinho conseguia escapar, e ele levava outro; acho que foram uns quatro, antes de desistirmos.

D. Etelvina sempre mandava presentes para nós. Umas barras de doce deliciosas. Lembro especialmente o doce de laranja e um pão em formato de jacaré, com olhos de caroço de feijão.

Até parece que eu era muito gulosa, vivia prá comer. Mas criança, prá que vivia?! Brincar, comer e dormir... Precisa comer para crescer, é o que diziam os adultos. Mas eu ainda gosto de fazer e comer coisas gostosas e não sei porque sempre me lembro do Serra. Por exemplo, sempre que faço quiabo e fico cortando a baba, tenho que pensar: "...mas Deusy gostava dele era babento...." Ou então, pipoca. Lá em casa ninguém sabia estourar pipocas, nem Doínha. Aí, toda vez que vou fazer pipocas, tenho de me lembrar de Terezinha Bellico que estava lá em casa um domingo, e nos ensinou: "É só bater na tampa e falar para rebentar na língua de uma pessoa bem fofoqueira, que é uma beleza!"

D. Etelvina me lembra "Grupo Escolar Luís Martins Soares". Nas últimas vezes que fui ao Serra, não olhei para aquele lado. E não pretendo olhar nunca mais. Foi um crime substituir aquele prédio lindo por uma coisa que parece galpão de granja! Quero guardar na memória o antigo: paredes amarelas, janelas azuis (aliás, estou pensando em pintar com essas cores nossa nova casa; será o sub consciente?) Não sou versada em arquitetura mas tenho quase certeza que aquele prédio tinha um estilo, só não sei precisar o nome. Um pé de espirradeira no pátio da frente, um de tulipa-africana no fundo. Parecc-me que depois foi cortado para construir a cantina. A escada, a varandinha onde depois de formada batia

papo na hora do recreio com as minhas ex-professoras que então, eram colegas.

Minhas colegas de sala no Grupo escolar eram Nelci, Naná, Terezinha Lopes, Terezinha Silva — minha companheira de carteira, Terezinha Teodoro, Elza, Gilson e Juraci nas mãos dos quais eu sempre comprava um pirulito de bala na hora do recreio e só pagava no final da semana; Luiz Saraborote, José Maria, Paulo de Durinda que se assentava sempre na primeira carteira para ficar bem perto da professora, pois era o mais levado da classe, e fazia todas as meninas que iam à mesa da professora, ao voltarem para o lugar, quando passavam perto dele ajoelharem-se e pedirem a benção; do contrario ele torcia nosso braço; Milton e Mário, Adriano ...Havia uma de que não me esqueço : Mirca Coura, que também foi minha companheira de carteira na sala de D. Marieta.

Não me lembro, mas mamãe contava que antes da idade escolar, eu ia para a aula com Marta de Castro e Luzia Pataro. Levava um lápis, um caderno e merenda, é claro!

As primeiras amigas de que me lembro foram Tutuca de Taninha, Martha de seu Vicente, Maria de seu Eugênio, Marta de Seu Ilídio e Luzia de Brás, Maria Helena e Silvinha de José Aureliano, Maria José do Sebastião Gordiano (a Vovó dela, D. Vitalina, era craque no biscoito de polvilho e às vezes ia fazer lá em casa),

D. Vitalina era mãe do seu Sebastião Gordiano. A história de que mais me lembro a respeito deles, no Serra, é que seu Sebastião nascera prematuro e que D. Vitalina o criara enroladinho em paninhos macios, e colocado sobre os seios. Quando vejo reportagens na TV sobre hospitais que usam esse método com sucesso – as chamadas mães-cangurus – tenho que dar razão, mais uma vez, a Zé Cária. No Serra só dá *inteli.....gente!*

Maria José foi uma de minhas primeiras amigas, depois, Zé Maria foi um dos meus primeiros alunos mais levados!....

No 1º ano de verdade, minha professora foi D. Odila Lanna que me paparicava muito.

Foi ela também quem me preparou em Catecismo para fazer a 1ª Comunhão. Eu não gostava quando ela apertava minhas bochechas; nem bochechas eu tinha, pois sempre fui magrela.

No 2º ano, eu seria aluna de D. Etelvina que nos deu aulas umas semanas e foi promovida a diretora. D. Etelvina tinha fama de muito brava e as meninas me diziam "— Queremos ver como você vai se arranjar com essa moleza na sala de D. Etelvina!". Fui, pois, salva pelo gongo...Quem substituiu D. Etelvina, foi Maria Pataro ou Maria de D. Etelvina que era recém-formada e portanto não tinha nada de brava.

Nesses meses em que fui aluna de Maria Pataro, morreu D. Terezinha Pataro, avó dela. Nesse tempo, as professoras tinham direito a três dias de luto e nós não tivemos aula.

Eu morria de sono de manhã e papai pediu a D. Etelvina, autorização para eu chegar meia hora mais tarde todos os dias. Foi a primeira bobagem (coisa de pai e mãe super protetores) de que tenho consciência na vida. Coisa de pai e mãe; pois se eu estava um ano adiantada, na escola, em relação à minha idade, porque não esperaram a hora certa?!

A coisa deve ter funcionado mais ao menos assim: mamãe queria que eu fosse mais nova para escola; papai tinha pena de me acordar cedo, aí acharam a solução: eu chegar mais tarde. Foi um desastre! Os quatro anos, eu chegava todo dia em cima da hora na escola, e às vezes atrasada, depois que os alunos já estavam formados no pátio, haviam feito as orações, cantado o "À nós descei..." e outro hino patriótico (era época de ditadura!) ou entrado já, para as salas.

No fim do ano, fizeram uma grande reforma no prédio da escola que era "Escolas Reunidas" e passou a "Grupo Escolar". Com isto suspenderam as aulas no segundo semestre e todos os alunos tiveram de repetir o ano, exceto os do 4º ano que continuaram tendo aulas normalmente em casa da professora que era D. Sílvia Lanna.

Neste ano, meus avós se mudaram para o Serra, pois Vovô Luís se aposentou como diretor de grupo escolar, em D. Silvério.

Na turma do 4º ano estava o meu tio Tarcísio, só um pouco mais velho do que eu. Foi um ano muito bom para mim. Eu brincava o dia todo com o Tarcísio e na escola ficava de castigo na hora do recreio para fazer o "para casa" e Tarcísio ainda subia na janela da sala, pelo lado de fora, para fazer hora comigo.

Quando eu estava no 2º ano, morreu o Sr. Tucho (Donato Cária) que era uma pessoa que eu adorava! Ele morava em frente a nossa casa. Seu Tucho era sapateiro e a sapataria ficava em frente à farmácia de papai. Ele me deixava o tempo que eu quisesse, brincando com os pregos e tachinhas penduradas pelo ímã nas ferramentas de trabalhar o couro. Não lembro o que conversávamos mas me lembro que eu falava sem parar.

Quando seu Tucho morreu, eu estava na escola; quando eu ia saindo, alguém chegou com a notícia. Eu não quis ir para casa de jeito nenhum. Chorava e tremia até que D. Odila me viu e conseguiu levar-me para a casa dela, ao lado do grupo. Mamãe, cansada de mandar-me recados sedutores, "se eu me lembrava que Doinha havia assado um pato para o almoço", acabou mandando levar pato para mim, D. Odila e D. Sílvia. Só bem mais tarde, mamãe pessoalmente, conseguiu me levar para casa.

Seu Tucho era também o grande animador do carnaval do Serra. Ele fazia todas as máscaras usando grude e papel. Eu o via fazer as máscaras, pintá-las, secá-las ao sol, mas quando as pessoas saiam na rua mascaradas, eu tinha medo e só olhava pela gretinha da porta.

Houve um ano que ele fez um grande galo de "papier maché" (agora, eu conheço esse nome chic!) e queria que eu desfilasse (naquele tempo a gente dizia "saísse") em cima do galo. Mas o medo não me deixou. Quem "saiu" em cima do galo foi Célia de Gipim que era a menina mais bonita, depois a moça mais bonita do Serra. Muito parecida com a própria mãe e também com a tia Jupira Cária.

Nas vésperas do carnaval também saía na rua o "Zé Pereira" que era um grupo de mascarados onde havia sempre um, fantasiado de boi. E eu tinha medo também.

Época de Carnaval é tempo de lembrar de seu Eugênio Pires passando na rua, de madrugada, cantando "Oh! Jardineira, por que estás tão triste?"

E me lembrar também de uma gracinha que mamãe gostava de repetir. Um dia ela me encontrou de véu na cabeça e terço na mão, ajoelhada, dizendo que estava rezando. Quando ela me perguntou por que, eu respondi que "era pro Papai do Céu fazer

cair e quebrar todas as garrafas de cachaça do mundo, para que ninguém mais pudesse beber."

Seu Tucho tinha também uma moeda pregada no balcão da sapataria, ligada com eletricidade. Quem se encostava na moeda levava um choque. A rapaziada fazia um cordão de mãos dadas, depois o primeiro colocava a mão na moeda e todos levavam choque! Era aquela algazarra!

Eu adorava também Santinha, Lavínia e Avani. Elas brincavam muito comigo e faziam roupinhas para minhas bonecas. Lá em casa delas também, eu ficava às vezes o dia todo. Se eu desconfiasse então, que D. Dora ía fazer quitanda, aí é que eu não ia embora mesmo! Ah! Se fosse ter pita na hora da merenda, era lá mesmo que eu ficava!

A melhor notícia para mim, nesses tempos, era quando me diziam que Efigeninha de Tereza ia chegar. A gente se grudava de manhã e só desgrudava para dormir, todo o tempo que ela ficava no Serra.

Tenho um fato interessante que aconteceu com ela lá em casa na hora do almoço, que papai sempre lembrava e ria muito, alguma coisa relacionada com feijão e farinha torrada que ela sabia apreciar, mas no momento não me lembro. Esperarei que me volte à memória para poder escrever.

Quando terminavam as férias e eles voltavam para Belo Horizonte, eu custava a me acostumar sem ela!

Numa dessas férias, eu aprontei uma traquinagem de que nunca vou me esquecer!

Eu peguei, em casa de D. Dora, uma medalha de Santa Luzia não sei bem se tinha o formato de um cálice ou de um olho. Sei que achei lindíssima e peguei para mim, escondido. Mamãe quando viu comigo, perguntou logo como eu conseguira aquela medalha. Eu, no maior aperto, disse que Efigeninha havia me dado. E mamãe que não era nada boba: "— Então, nós vamos conversar com D. Dora e perguntar se a Efigeninha podia lhe dar a medalha porque presente de criança a gente só aceita se houver um adulto perto, e autorizando." E lá se foi, me levando pela mão, conversar com D. Dora que disse, é claro, não saber de nada e que estava cansada de procurar a medalha.

O assunto para mim morreu aí. Nunca soube se a Efigeninha, coitada, levou algum castigo por haver me dado a medalha, mas acho que não, pois vovós não costumam castigar netinhas, principalmente se estão passando férias.

Dessa covardia nunca me redimi; até hoje, não confessei que havia tirado a medalha,

Houve uma Semana Santa em que passou no cinema A Vida de Cristo; Lavínia e Avani queriam me levar com elas mas papai não deixou de jeito nenhum. Fiquei debruçada na mesa da sala de jantar chorando até terminar a sessão de cinema . Papai não se comoveu desta vez.

Prá Santinha eu carreguei o porta-alianças. Do casamento mesmo, não lembro nada. Só lembro de mamãe meio escondida atrás da porta da farmácia me entregando prá outra pessoa, não sei se papai, Lavínia ou Avani. Não sei se mamãe estava grávida ou de resguardo, só sei que ela não foi ao casamento.

Lembro-me de Efigeninha de Deusy, toda bonita, parecendo uma bonequinha no colo de Filita, e Avani perguntando prá ela e me mandando prestar atenção na resposta:

— De que é sua sandalhinha?

A resposta escrita não tem graça nenhuma:

— É de couro sinitético!

A graça estava na carinha dela. Ela movimentava intensamente todos os músculos da face para pronunciar essas quatro palavras!

Estou constatando que eu era mesmo muito gulosa! Quantas lembranças de comida! Aliás, até hoje sou gulosa. Gosto de fazer e de comer coisas gostosas.

Esta observação é porque estou lembrando que toda vez que alguém da família chegava de BH — naquele tempo, uma aventura! era como chegar de Paris! — Santinha logo me chamava para comer um pedacinho do pão de Belo Horizonte, que naquele tempo era excelente!

E depois, me mostrava o último número da revista "O Cruzeiro"..

Foi assim, por intermédio de Santinha que fiquei sabendo de Evita Perón, a protetora dos descamisados que possuía "n" vestidos

de grifes famosas e "n" pares de sapatos; de Luís Gonzaga, o Rei do Baião que viera do nordeste e fazia sucesso no sul; do Dr. Napoleão Laureano que fazia pesquisas sobre a cura do câncer e que morreu de câncer; ah! uma menina de Lima no Peru que ficara grávida aos quatro anos de idade. Outras notícias ela me deve ter dado que não gravei tanto!

Muitas vezes também, depois de mocinha, usei Anti-sardina nº 2, com esperança de adquirir aquela pele acetinada e rosada como a de Santinha.

Se pouco me lembro do casamento de Santinha, lembro-me bastante do casamento de Dalva e Joaquim. Lembro-me que na hora da mesa de doces, Nelcy me pediu para pegar um enfeite da mesa para ela e eu, "cordeirinho" como sempre, fui perguntar à mamãe se podia, e ela me respondeu irritada: "— Nelcy é irmã da noiva, logo é dona da casa, e prá ela você pode pegar o que ela quiser!"

Lembro-me mais do casamento de Naná e Juarez. Lembro-me de estar bem perto dos noivos, no altar. Eu não me esqueci também porque mamãe sempre voltava a contar este "caso".

Terminado o casamento, eu cheguei pra mamãe e disse:

— Por que não aproveitamos que eu estou de vestido novo e me caso de uma vez com Dr. Abdalla?

Mamãe respondeu:

-Você precisa crescer primeiro para ficar do tamanho do Dr. Abdalla.

E eu:

— Não precisa não; é só ele ficar ajoelhado no altar e eu de pé.

É que algumas moças que brincavam comigo, como desculpa para se aproximarem do Dr. Abdalla, diziam que eu era namorada dele.

Acho que desde esse tempo eu já era metida a fazer piadas,,,

Mas o primeiro casamento a que eu me lembro de ter comparecido foi o de uma das filhas do compadre Jujuca. Nós fomos a cavalo e Seu Eugênio Pires foi me carregando no colo. Sei que eu comi, no banquete, tutu de feijão e depois quando me perguntavam o que eu havia comido eu respondia que havia sido "bichinho de

feijão". Papai e mamãe também gostavam de contar esse caso como uma de minhas primeiras gracinhas.

Quando eu era bem pequena, Juarez era uma espécie de ídolo para mim. As lembranças não são muito claras, mas parece-me que ele foi convocado para a 2ª Guerra e creio que antes dele sair do Brasil, a guerra terminou, não sei bem. Mas lembro-me de uma noite, ou foram várias? em que ele conversava com um grupo de pessoas, na rua, — a voz dele era inconfundível — eu, já deitada para dormir, espichava os ouvidos, na tentativa de entender o que ele falava, imaginando que estaria contando o que acontecera na guerra.

Eu era muito preocupada com a guerra. Também, acho que era o assunto de todos. Meu sonho, era ser enfermeira da Cruz Vermelha. Imaginem!...

Juarez era também um gênio. Tudo que estragava no Serra, ele ou Zé Cária consertavam.

Contavam que ele e o Sr. Pascoal haviam feito um saxofone e nesse saxofone ele compôs uma valsa para sua primeira filha "Vera Lúcia". Eu achava isso a glória! Não dava muita importância para a música em si, mas achava o máximo compor uma valsa e ainda mais para a própria filha! Quando ele tocava essa música na "Rádio", eu ficava em êxtase!

A "Rádio", é uma história que se eu estivesse escrevendo um livro, seria um capítulo à parte.

Foi um arranjo de Zé Cária e seu Pascoal. Creio que eles viviam fazendo mil e uma experiências, e, numa dessas, puseram uma estação de rádio no éter!

Começaram, então, a mostrar às pessoas: Joaquim Botelho, Seu Sinô, papai, Marcílio... e um belo dia — domingo, é claro — levaram a parafernália para o salão do cinema de Zé Cária e começaram a transmitir de lá. E quem ouvia a transmissão no rádio, em casa, começava a se dirigir para o salão, para o "Programa de Auditório" que durava a tarde toda, até a hora de arejar o salão, para a sessão de cinema. Nosso modelo era a Rádio Nacional, do Rio, lógico!

Digo "nosso" porque nessas alturas, sempre enrabichada com papai, eu já estava por dentro do movimento e fazia parte do "cast".

Havia concursos prá todo gosto, adivinhações, declamação, canto, música, o que a imaginação de cada um inspirasse. Foi o mais lindo exemplo de participação, de cidadania a que já assisti. Zé Cária era a alma, o grande animador de tudo. Todos eram locutores, artistas, animadores, auditório, platéia... ouvintes, em casa, acho mesmo, que dentro da vila não ficava ninguém em casa para ouvir. Também nunca vi papai tão animado com um projeto comum!...

Tenho uma piada:

Um domingo, depois que eu venci por três vezes o concurso de adivinhações, papai me falou, bem perto do microfone aberto: "Deixa agora, minha filha, depois eu te dou o sabonete, lá em casa".

Quem estava no salão não percebeu nada mas quem ouviu em casa pelo rádio, se divertiu; foi brincadeira prá semana toda... Dr. Antônio dava gargalhadas gostosas e não se cansava de gozar a cara de papai: "— Como é mesmo, Geraldo? Lá em casa tem sabonete?!".

Um domingo muito animado foi quando Aírton Bellico e Paulo de Barros ficaram finalistas, como cantores, num concurso de calouros e foi uma decisão difícil. Não me lembro, mas parece que terminou em empate.

Uma vez, um grupo de artistas ensaiou e levou ao ar uma peça de teatro. Zé Cária, Maria Drumond, Nélia, Luizinho, cujo rosto estou vendo agora mas esqueci o sobrenome. Deu branco, agora sobre o nome da peça, que aliás, foi encenada várias vezes, no teatro, e sobre os demais artistas.

Essa apresentação teatral foi uma homenagem a D. Genária. que havia sido professora deles no Grupo e de quem gostavam muito. Bons tempos em que tantos anos depois, os alunos estavam preocupados em homenagear a professora primária. Mas os professores não eram "Trabalhadores do Ensino", eram educadores e com certeza ganhavam muito bem... pois amavam o que faziam e eram amadas pelos alunos. E por certo, estas professora do princípio do século ainda "brilham como estrelas no céu".

Mas a "Radio", provocou ciúme, e, como soe acontecer nesta Terra de Santa Cruz, um dia Zé Cária foi chamado a Ponte Nova e intimado a regularizar a sua situação ou tirá-la do ar. Acabaram

com nossa diversão das tardes de domingo. Hoje, estão no ar as rádios comunitárias. Que Deus as abençoe e proteja dos políticos mal intencionados! Nós, serrenses, com Zé Cária e seus amigos, fomos os precursores.

Ficou-nos o teatro. Também aí, Zé Cária era polivalente: era ator, diretor, iluminador, contra-regra, ponto, de tudo um pouco ou um muito.

Mas havia o Sr. Juca Cunha que vinha de sua fazenda, com sua "troupe" que era formada por sua família e vinham prontos para nos brindar com suas peças, na maioria das vezes comédias muito engraçadas. Aí, Zé Cária era só auxiliar.

Um, de que eu não me esqueço, foi quando Zé Cachico cantou "O casamento do Jeca" e o pedaço da letra que me lembro até hoje dizia que na festa houve "milho verde assado, muita canjica e dois franguinhos pestiados"...

Também Cecé, quando ficou mocinha, enfrentava o desafio das peças de teatro. E aí nossa artista que mais brilhava era Joaninha Moreira. Havia uma peça em que ela entrava no palco, cantando: "... respeitem ao menos meus cabelos brancos..." e eu levei, mas foram muitos anos mesmo, para entender porque o personagem cantava isso!...

Soube mais tarde que a autora das peças foi algumas vezes D. Maria Bellico que, como boa mineira, com aquele jeitinho simples e meigo, trabalhava em silêncio.

Uma pessoa, sempre muito presente em nossa vida, foi Dorinha Bellico.

Dorinha era minha companheira de brincadeiras na rua e na palha de café na casa dela.(Até parece que sinto o cheirinho da palha!) Ela era muito pequena, não sei que idade teria, talvez 5/6 anos, foi operada de apendicite no Hospital de Ponte Nova e depois de sofrer bastante, faleceu. Lembro-me como se fosse hoje o dia em que ela voltou para casa, no colo de D. Maria, na boleia do caminhão. Ela voltou para morrer em casa mas quem dirigia o caminhão, quando chegou próximo á casa, começou a buzinar bastante, naturalmente para alegrá-la. Eu e Doinha estávamos à janela e Doinha chorando confirmava: "Coitadinha, veio para morrer. Os médicos não podem fazer mais nada."

Papai levou-me depois para visitá-la. A cama branquinha e ela branquinha afundada no travesseiro. Papai perguntou-lhe: "Você conhece esta aqui, Dorinha?" Ela respondeu com vózinha fraquinha, sumida, mas que eu ouço até hoje: "É a Rosarinha". Eu fiquei lá, silenciosa, encostada nos joelhos de papai, olhando para ela, pensando como ela se sentia, se teria alguma dor, como seria o Céu, e se as meninas, irmãs e primas dela, iriam se reunir para brincar na rua, depois que ela não estivesse mais aqui.

Ficamos algum tempo lá, papai e seu Bellico conversando, D. Maria servindo cafezinho, depois voltamos para casa.

Foram dias de muita tristeza lá em casa também, não sei quantos, mas para mim, foram muitos.

Aos enterros, mamãe não me deixava ir, nem quando era de criança. Eu ficava olhando pela greta bem pequena da janela.

Depois, sempre que íamos ao Cruzeiro, ou ao cemitério, eu ficava olhando o túmulo de Dorinha e rezando. Não sabia como rezar. Só rezava Ave Maria e ficava imaginando se ela estaria alegre no Céu brincando com os Anjos em vez de brincar conosco...

Um desses passeios ao cemitério, foi em um dia de Natal, em que algumas de nós, penso que Carminha e Martha haviam ganho sombrinhas de Papai Noel. Nós — Cici, Martha, Carminha e eu – nos aprontamos bem elegantes, à tarde e saímos para passear no caminho de cemitério. Como era nosso costume paramos para rezar no portão e ficamos olhando o túmulo de Dorinha. Eis que, senão quando, Cici falou:

— Olha uma assombração!

Eu perguntei, entre desacreditando e já com medo:

— Onde?

E Cici:

— Em frente ao túmulo de Dorinha!

Eu, mal localizei o vulto, que me pareceu um homem barbudo e agachado, o que prá nós significou "enterrado da cintura prá baixo" levantei-me e me pus a correr com todas as minhas forças. Cici foi logo dizendo:

— Eu dou a mão à Carminha que é menor e você fica com Martha que é mais experta, e vamos descer logo pelo morro, pois pela estrada ele vai nos acompanhar!

E descemos as quatro, aos trambolhões, pelo morro à baixo, sem dizer uma palavra. E ao chegarmos em baixo, não sei no quintal de quem, e sem saber quem estava mais suja ou com a sombrinha mais estragada!

Dos passeios no caminho do Cruzeiro, lembro-me uma vez que fomos todos passear com Tia Lina e Tia Dedete que estavam lá em casa, e encontramos com Sá Donária, completamente bêbada e que vinha trazendo uma muda de cafezinho de salão, a qual deu para mim

Quando a criançada se reunia na rua, assustadas e saudosas, ficávamos lembrando de Dorinha. Nas primeiras noites, ficávamos na porta da casa de D. Antônia.

Lembro-me de Filhinha dizer: "Eu sabia quando era Dorinha que entrava aqui em casa. Porque ela batia primeiro o calcanhar no chão e depois é que acertava o pé". Ela dizia isso porque no Serra a criançada toda andava descalça e ninguém fechava a porta da casa durante o dia, e pessoas de família numerosa como D. Antônia tinha pessoas que entravam e saíam de casa o dia inteiro.

Algum tempo depois, Carminha adoeceu com os mesmos sintomas de Dorinha: cólicas e febre. Toda vez que mamãe preocupada dizia: "precisamos levar Carminha a um médico", papai respondia: "Prá que? Prá acontecer o que aconteceu com a Dorinha?"

Papai, naquela secura dele, era muito dominado pelo coração. E assim, vivemos agoniados algum tempo entre as febres e cólicas de Carminha e a lembrança dolorosa de Dorinha

Até que não teve mais como segurar: Carminha foi levada às pressas para o Hospital N. S. das Dores, e operada. Ficou algum tempo entre a vida e a morte. Eu estava no internato e todo domingo papai me buscava para passar o dia no hospital, com ela. E a lembrança de Dorinha estava na mente e no coração de cada um de nós, embora ninguém mencionasse. Depois, no colégio, eu passava boa parte da noite de domingo para 2a feira chorando e pedindo à alma de Dorinha que intercedesse junto a Deus para que Ele deixasse Carminha conosco.

E Deus quis nos atender. Carminha se recuperou, voltou prá casa um cisquinho mas com tantos mimos de mamãe, Doinha e do

Waldo, um primo de papai que passou uma temporada lá em casa, logo ficou forte.

E assim Dorinha, a primeira pessoa, da minha idade com quem convivi bem de perto e que partiu para o céu, esteve também sempre associada à lembrança da doença de Carminha .

Eu fui companheira de D. Antônia por algum tempo. Acho que cada férias eu pegava uma pessoa para pagar os pecados e ficava ali grudada, semanas seguidas. Pena que não me lembro do que conversava com essas pessoas. Mas deve ter muita coisa boa que aprendi com elas, no meu subconsciente. Ou será que as pobres das pessoas minhas "escolhidas" tinham de me ouvir o tempo todo?!....

Quando D. Antônia morava na pracinha, era com Filhinha que eu ficava mais tempo, mas na casa, nossa vizinha era com D. Antônia mesmo. Ficávamos horas, nós duas debruçadas na janela da frente, conversando.

Depois que Sinhá Bellico mudou para o Serra, ela também foi uma das minhas escolhidas, como vítima para passar o dia na casa dela, conversando. Sinhá conservou os cabelos brancos e por isso eu brincava com ela, chamando-a de Vó

Aliás, mamãe sempre me falava: "Você sabe muito bem chegar na casa dos outros, só falta aprender a sair". E ela não conseguiu me ensinar, pois até hoje sou assim: se encontro um bom papo ou alguém que me tolere.... "'adeus anica"...vou ficando. Se a pessoa não se despedir ou não der sinais muito claros que estou passando dos limites, não arredo pé... vou ficando...

Uma vez, aqui em BH, já casada, com 4 filhos, voltando do trabalho, passei pela calçada de D. Sebastiana que estava no portão com as filhas mocinhas. Atrasei uma mamada da Denise e até hoje tenho remorsos; Antônia, minha ajudante, sem saber o que era feito de mim, não teve outro jeito senão dar-lhe uma mamadeira (a primeira).Tenho remorso sim, mas não me curei do defeito. No Serra, me perguntariam se eu era parente de Sinhá de João Pataro.

Outra amigona querida. Com essa eu podia me esbaldar! Ela nunca tinha pressa: ia tecendo seu frivolitê e o patati-patatá corria solto: contava os casos nos mínimos detalhes, mostrava fotos, os bichos de estimação, as plantas, servia bolinhos, banana frita com

canela, rabanada. Maria Rolla sempre por perto dando suas risadinhas. Depois, eu dizia prá mamãe que era Sinhá que me havia segurado e ela acreditava

Até hoje, tenho vasos cujas plantas são descendentes das mudas que ela me mandou, logo que saí de apartamento e fui morar em casa com quintal e varanda. Entre elas uma gloxínia que Dr. Antônio comprou e levou para ela.

Tenho pesar por não ter nenhuma planta vinda das mãos de Eucárpia. E quando eu era pequena ela era minha principal doadora!

Quando dava vontade, era só convidar Doinha:

_Vamos ver as plantas de Eucárpia.

Acho que eram as pessoas de quem Doinha mais gostava. Eucárpia, Mariquinha e Sá Cota. Ela sempre arranjava tempo e disposição para ir até lá. Nunca negava, mesmo em dia que eu houvesse feito mal-criação com ela . Era até um jeito bom de fazer as pazes, "ficar de bem"

(Será que ouvi dizer que Doinha nasceu na fazenda dos pais delas?...,ou estou delirando muito?!...)

Quando chegávamos, Eucárpia largava tudo que estivesse fazendo e ía mostrar as plantas. Como Sinhá, para cada uma, ela contava uma história. Aí, era só elogiar bastante aquelas que mais gostasse que visse bem repolhuda com bastantes chances de dar mudas.... Saíamos de lá, Doinha, Carminha e eu, com pelo menos três mudinhas: uma para cada uma.

Até hoje, adoro plantas. Até hoje, sou vista pelas ruas carregando sacolinhas com mudas e os bolsos cheios de sementes, e quando viajo nunca faltam envelopes ou embrulhinhos de sementes, na bagagem de volta. Mesmo quando sei que a planta não vai se aclimatar por aqui. Até do Canadá eu trouxe uma mudinha de planta num copinho de creme de leite escondido no bolso do casaco! A pobrezinha viveu uns 8 meses. Morreu no seu primeiro verão brasileiro!...

Das plantas me vem à lembrança o Presépio de Eucárpia Ah! O presépio de Eucárpia! Até parece que aquele cheirinho gostoso e característico invade agora o meu quarto!

Eu gostaria de ter uma filmagem ou pelo menos uma fotografia!...

Cada ano havia uma novidade, cada ano uma criatividade a mais!

Ocupava todo um quarto da casa. Marcílio era quem executava as obras de infra-estrutura, os suportes de madeira. Os tabuleirinhos de arroz, Eucárpia plantava todos os anos no dia certo, para que, no Natal, estivessem na alturinha certa.

Quando eu era menorzinha tinha de visitá-lo quase diariamente. Neste tempo estava sempre disposta a buscar correspondência, coisa de que nem sempre eu gostava. A correspondência era trazida por Marcílio que era funcionário dos Correios e ia a cavalo buscá-la em Vau-Assu.

Eu chegava toda acanhada, levando uma moedinha de cinco centavos de sei lá que dinheiro era — já tivemos tantos! — para colocar no pires.

Pegava a correspondência e depois pedia para ver o Presépio. Eucárpia abria a porta ou se estivesse muito ocupada chamava Mariquinha para me levar e acender as luzes. E não eram simples luzes elétricas, prosaicas luzes terrestres. Eram luzes mágicas, que acendiam cada janelinha, de cada casinha da Belém um pouco distante na montanha, e faziam brilhar mil estrelinhas no céu e a linda Estrela que guiava os Magos.

Ai! que ainda sinto o cheirinho do musgo no quarto fechado!...

As imagens me pareciam a cada ano mais altas e mais bonitas... as casinhas espalhadas pelas "montanhas de Belém." com as janelinhas iluminadas... o laguinho com os patinhos... as arvorezinhas... o céu estrelado... não sei o que mais me fascinava!...

Certa vez houve uma árvore de Natal, e presentes debaixo dela. Fiquei "amarrada" numa bateria de cozinha completa, com uns dois palmos de altura! Quando me casei ainda se usavam essas baterias, mas minha cozinha não tinha espaço suficiente. Quando tive espaço, a bateria caiu de moda, deixou de ser fabricada. E até hoje, só Deus e eu entendemos — espero que Deus entenda — porque depois do advento do forno de microondas e fogão com chapa vitrificada, eu não me separo de minhas panelas de alumínio e insisto em mantê-las penduradas à vista na cozinha....

Lembro-me também de Sá Cota Pinheiro, sentadinha junto à janela, bengala encostada por perto, toda vestida de preto. Sempre me fazia um agrado:

— Mariquinha, vê se a menina de seu Geraldo quer um cafezinho.

Certa vez, Augusto e eu estávamos na igreja aqui em Guarapari, e ele olhando para o presépio, me disse:

— Este presépio me faz pensar que era exatamente assim o lugar onde Jesus nasceu.

— Ah não! respondi, com veemência: Para mim era uma gruta na rocha mesmo. Fora da cidade. Com pastos e ovelhas.

E quando prestei atenção no que dizia, estava descrevendo prá ele, justamente os presépios que vira no Serra.

Não me lembro dos presépios exatamente como fotografias, porque eles se enriqueciam a cada ano, mesmo assim como o poeta — Luís Borges? — se eu fosse criança outra vez iria lá mais vezes, ficaria mais tempo, e iria também nas outras casas como Nhanhá Gesualdo e outras.

Mamãe dizia que eu só sabia chegar e não sabia sair, mas ela se enganava: eu morria de vergonha de chegar, queria chegar, estar com as pessoas, conversar, mas não sabia. Vencida esta dificuldade, eu gostava de ficar; sabia sair sim; não saía porque não queria. Por isso também, eu visitava sempre as mesmas pessoas.

Minhas viagens a PN eram um drama à parte. Para mim e para quem tivesse minha companhia. Eu sentia um mal horrível! Não era enjôo do estômago, mas uma tontura horrorosa em que eu sentia o carro às vezes voando nas nuvens, às vezes entrando pela terra, e sempre em correria louca. O resultado disso é que eu me punha a gritar com todas as minhas forças e o motorista era obrigado a parar. Aí, se era ônibus me trocavam de lugar e usavam de mil recursos para me acomodar. Daí a pouco, estava eu aos gritos de novo. Quem eu me lembro que mais sofreu comigo, nesses ataques, foi o seu Samuel e Juquinha. Uma vez, seu Samuel foi me segurando do lado de fora da porta, no para-lama do caminhão, um longo trecho da estrada . Por aí se vê como eram rápidos os carros, e movimentadas as estradas.

Certa vez, Dr. Antônio viajou conosco e chamou a atenção de papai porque ele demorou a parar a caminhonete,quando eu comecei a gritar. Se eu já gostava de Dr. Antônio, fiquei mais fã, ainda.

Acho que já escrevi sobre as frutas do Serra. Agora me lembro das flores: D Carmelita tinha Lágrimas de Nossa Senhora, na porta da casa; madrinha Chiquinha tinha um pé de primavera e também uma azedinha da qual eu comia as flores. Sinhá tinha uma alamanda amarela. De Jura, eu sempre me lembro quando vejo "Brincos de Princesa" mas não sei se ela era dona de um...

As casas eram todas rentes à rua e bem-aventurado, pelo menos para mim, era quem tinha um pé de flor na porta de entrada. As flores eram plantadas nos fundos, na horta.

O meu canteiro de flores era no quintal de Vovó Ondina, porque o nosso quintal era só areia e sombra das enormes gameleiras de João Pataro.

O canteiro de Tarcísio tinha forma de uma estrela e o meu, uma meia lua.. Fomos buscar as mudas com D. Isaura Correia que morava na casa ao lado do Grupo, na pracinha e era amiga de Vovó Ondina. Viemos com um cesto cheio e repartimos tudo "irmãmente" uma de cada, prá cada um. No fim, ficaram duas, que não faziam par: uma brilhantina e um clorofito. Eu fiquei com o clorofito que mamãe chamava de auriverde, mas não me conformava, pois achava a brilhantina mais bonita, "pois a galinha da vizinha é sempre mais gorda que a minha".

Plantei muita flor também junto com Cici de João Bellico, mas nós duas, de vez em quando, arrancávamos as plantas, para vermos como estavam as raízes....

Na casa de Vovó Ondina, Tarcísio era mais paciente e ajuizado e Vovó Ondina tomava conta de nós.

Na minha lembrança, em toda casa no Serra havia um vaso de amarilis branco na sala, menos na casa de D. Inhá e Seu Paschoal, onde havia uma tal de "pena de pavão" que era uma beleza! e que sempre pensei que era de Nélia. Ah! E um caramujo sobre a mesinha de centro, onde eu ouvia o barulho do mar e ficava imaginando como seria o mar e como poderia fazer tal barulho, se era só água.

No Serra era difícil saber quem era mais habilidoso. Havia costureiras, bordadeiras, crocheteiras, floristas admiráveis. Dos homens, já falei. Eram capazes de fabricar coisas excepcionais.

Nélia Caria fazia cada coisa! Acho que de tudo! Tudo lindo, maravilhoso! Tudo que ela visse, era capaz de fazer: bordados diversos, pintura, flores, tricô, caixinhas de vidro...

Nas provas finais do Grupo Escolar, ela era que desenhava as capas de nossas provas. Era o dia inteiro, criança descendo a rua com a folha de "papel almaço" na mão para levar na casa de Nélia. Eucárpia também era outra que desenhava as capas. E elas davam conta de fazer cada uma com um motivo diferente. Até hoje tenho uma guardada, desenhada por Nélia, com um ramo de cravos.

Uma noite, no primeiro mês de Maria que Pe. Alípio celebrou, uma vela pegou fogo no altar que era todo enfeitado com papel crepom. Pe. Alípio com aquela calma, ficou tentando apagar o fogo com o livro de orações.

Eu, quando vi o fogo, não pensei em nada; saí correndo desatinada e fui parar na casa de D. Inhá. Ela e Seu Paschoal ficaram me perguntando o que havia acontecido e eu, não sei se de susto ou de vergonha não conseguia responder nada. Até que chegou uma pessoa, não me lembro quem, pedindo um balde de água para apagar o fogo.

Não me lembro de ter havido pânico ou confusão. Acho que o fogo só queimou mesmo os enfeites de papel, mas me contaram depois, que Seu Antônio Português (Antônio Marques) pulou no altar e tirou nos braços a imagem de N. S. do Amparo.

O que serviu para confirmar na minha cabeça a História que aprendíamos na Escola que um português chamado Manoel Francisco Moreira Serra mandara vir de Portugal a imagem de Nossa Senhora, para cumprir uma promessa e doara as terras para a igreja e a construção da vila. Motivo que justifica o nome da cidade, que só quem é de lá entende. Amparo do Serra – Nossa Senhora amparando seu filho, um português de sobrenome Serra que caíra doente com muita febre, em um lugar ermo e que recorrera a Nossa Senhora e Ela o socorrera. Não tem nada a ver com "serra" acidente geográfico. Aliás a cidade está localizada em um vale!

Eu sempre pensei que esse português fosse um antepassado de Donana Moreira.

Donana morava em um sítio e criava abelhas e foi lá que papai e mamãe me levaram para conhecer as abelhas e as colmeias. Penso que toda vez que Donana tirava mel, papai comprava, pois o mel era muito usado na farmácia para fazer pílulas e outros medicamentos. Acho também, que junto com a encomenda vinha

sempre uma vasilha separada com um favo de mel para mim, pois me lembro sempre de chupar o mel do favo.

Donana Moreira era mãe de Maria Moreira que era a dona das mais lindas tranças que já vi na vida. E de Joaninha Moreira que era a artista número um do grupo escolar. Meu desafio era declamar "O Pássaro Cativo" de Olavo Bilac melhor do que ela. Jamais consegui, tal o sentimento que ela sabia expressar.

João e Joaquim Moreira eram gêmeos e eram meus amigos também. Houve um tempo em que foi moda entre a criançada levar uma moeda de CR$0,50 para eles (não me lembro se João ou Joaquim) transformarem a mesma numa aliança dourada, muito chic mesmo. Era só esfregar com limão e ela ficava mesmo parecendo ouro.

Os Moreira também eram gente que fazia de tudo. Quem se lembra muito deles até hoje com saudades é meu tio Luizinho. Eles eram super inteligentes. Aliás, como dizia Zé Cária, só de a pessoa nascer no Serra já era prova de inteligência. E era mesmo. As pessoas que conheci no Serra, se tivessem nascido num lugar com mais recursos e numa época mais evoluída, acho que até a História do Brasil seria outra, pelo menos a de Minas.

E por falar em evolução, não tem mais como resistir. Acabo de abandonar a velha canetinha Bic e entrar na era da informática. Tenho levado tanto tempo para escrever estas lembranças que a turma jovem aqui de casa passou a fazer pressão para eu criar vergonha e abandonar a caneta.

Depois que leram, resolveram também que eu vou ter de publicar minhas "lembranças". Mas eu não vou modificar minha maneira de escrever. Continuo, como se estivesse escrevendo só para mim e minha família.

Por fim Augusto acabou me dando um computador, só para mim. "Resistir, quem há de?"

Aqui estou eu, frente ao dito cujo e como é óbvio, lembrando-me dos dias em que papai ia a Ponte Nova e eu aproveitava para encarar sua antigona máquina Remington ainda importada, para encher páginas e páginas de papel de embrulho de "a s d f g". Achava que eu seria uma datilógrafa competente, mas de tanto brincar com a máquina, nunca fui capaz de desviar os olhos do teclado e

fixá-los no modelo.Também nunca tive energia suficiente para mover nenhuma daquelas teclas com os dedos mínimos! Que diferença de hoje que a gente mal encosta o dedo, a tecla responde.

Quando papai chegava à tardinha de Ponte Nova, eu ficava rodando por perto dele até que ele se lembrasse de entregar-me o pacote de balas que havia trazido. Era o "high ligth" da semana! Chupar balas "Suissas" vindas de Ponte Nova pois no Serra não havia tais especialidades. Quando a semana havia sido boa — por certo época de colheita, quando eram recebidas as contas da farmácia — e papai queria fazer uma gracinha a mais, ele trazia umas duas maçãs. Claro que uma era para mim outra prá Carminha. Como a gente ficava feliz! Tão diferente das crianças de hoje que têm o mundo e ainda querem mais.

A gente era mestra também em roubar pastilhas de hortelã e de tolú na farmácia. Essas com direito a presentear as amiguinhas.

Quando eu era bem pequena e Hélcio Faracci andava por lá, na casa de Pe. Rafael, nós chupávamos era sal de Glauber escondido e custaram a descobrir porque vivíamos com o intestino atrapalhado. Disto eu não me lembro; papai, mamãe e Santinha Faracci é que contavam.

Havia também um remédio efervescente delicioso, cujo nome me faltou no momento. Esse eu roubava sozinha e acho que ninguém nunca desconfiou.

Falando em roubar na farmácia, tenho um caso triste.

Papai sempre tinha trabalhando com ele na farmácia um rapazinho, dos quais alguns tomaram gosto pela profissão e até foram proprietários de farmácia depois.

Na época em que estou me lembrando, trabalhava na farmácia Jair Barbosa, filho do seu Adeodato por quem papai tinha amizade de irmão. E por isso mesmo, devia ter convidado o Jair para a experiência.

Eu sempre estava "xeretando" na farmácia, onde havia uns tais de tamboretes que eram usados para assentar ou subir para pegar remédios nas prateleiras mais altas. Eu usava ficar ajoelhada sobre eles para alcançar o balcão.

Um dia, eu estava sobre o tamborete e saí por algum motivo. Quando voltei, Jair havia precisado do tamborete, usado e

naturalmente deixado em outro lugar. Eu logo perguntei: "Onde está meu tamborete? " Quando o vi no outro lugar emendei: "Ah! Jair! Foi você que roubou meu tamborete?!" Peguei o bendito tamborete e continuei o que estava fazendo, sem desconfiar de nada.

Jair almoçava na casa de Vovó Tereza Barbosa, mãe de seu Adeodato. A tarde foi passando e ele não voltava do almoço. Papai, como era o costume, chamou mamãe e disse a ela para ir à casa de vovó Tereza ver o que estava acontecendo.

Não sei qual foi a conversa delas, mas sei que Jair estava chorando e disse que não voltaria mais lá em casa porque eu o havia chamado de ladrão. E não voltou mesmo.

Foi um Deus nos acuda ! Papai não me bateu porque não era chegado a esses métodos. Mas o que eu ouvi!..."Em boca fechada não entra mosquito" Quem muito fala dá bom dia cavalo" Logo o filho do Adeodato! Você não sabe quem é Adeodato? Quem você pensa que é?!" E por aí a fora... E o pior é que naquela época ninguém perguntava prá gente o que havia acontecido, por que eu havia falado aquilo. Eu só escutava.

Depois veio a tortura maior: papai e mamãe foram à casa de seu Adeodato e D Tota dar explicações, pedir desculpas e fizeram absoluta questão que eu fosse junto. Eles conversaram na sala e eu fui para o quintal com as meninas. Nem lembro quais eram. Acho que Aparecida e Tereza. Elas queriam de todo jeito que eu dissesse o que Jair havia roubado de mim. Eu sempre tão falante, nessas horas era capaz de me trancar no mais profundo silêncio. Eu sofri muito porque gostava muito de Rute que era minha colega de escola e eu passei vergonha demais.

Depois de mais adulta, quando me lembro disso eu penso que Jair estava com saudade de casa, da família, da liberdade da fazenda, achando uma chatura ficar na farmácia e achou foi bom o que eu fiz. E logo usou da "minha boca grande", da minha insensatez, para se livrar do emprego. Ele não passava também de uma criança, e naturalmente estava sem coragem de falar com os pais que não queria mais trabalhar na farmácia.

Mas graças a Deus tudo isso foi esquecido. Continuamos todos amigos. Passado o terremoto eles entenderam que foi uma tolice

de criança que eu não tive intenção nenhuma de ofender ninguém.

De todos lá, os que mais convivi foi com Antônio e Tereza. Imaginem que eu tenho guardado um papelzinho dobrado que foi a última compra que fiz no Serra antes de me casar : uma agulha de bordar comprada na loja de Antônio.

Já peguei mil vezes nesse papelzinho para jogar fora e mil vezes tornei a guardar. Ele faz parte de algumas "raízes visíveis" que me ligam ao Serra e à minha infância, como os bordados do meu enxoval que foram feitos por pessoas de lá ou como as plantinhas que vieram de lá, e "otras cositas mas", que ninguém entende porque não posso jogar fora.

Lembro-me muito de Lili, embora nunca mais a visse, depois que se mudou do Serra. Fiquei encantada com o nome da primeira filha dela: Maria Virgínia. Só muito mais tarde vim a saber que era o nome de D. Tota.

E eu era encantada também com o nome da primeira netinha de D. Etelvina : Luciene. O nome mais bonito das pessoas do Serra, para mim, era D. Magnólia que morava no alto da praça, bem pertinho da igreja. Eu achava interessante também, que seu Bellico só chamava Terezinha, de Tereza.

Depois de Jair, veio trabalhar na farmácia, Dário Teixeira.

Aí, eu fiquei proibida de ir à farmácia. Mas com o correr do tempo, a proibição foi se relaxando. Dário morava lá em casa. Quando nos aventuramos morar em Ponte Nova ele foi conosco, voltou quando voltamos.

Também foi embora, desculpando-se com um mal entendido, mas desta vez, felizmente foi com Carminha.

Estávamos na cozinha, conversando, um galo cantou com voz estranha e Carminha comentou: "O galo tá com gogo". Dário deu uma bronca daquelas que ela havia dito "Dário tá com gogo". Mamãe tentou argumentar, mas inutilmente. Ele largou o prato, acertou as contas e se foi. Desta vez o trauma foi menor, pois mamãe e Doinha estavam presentes e sabiam o que havia acontecido.

Para ele também foi muito bom. Ele foi trabalhar em uma farmácia em Urucânia, depois comprou uma farmácia, namorou, casou teve duas meninas lindinhas e até onde sei, foi muito feliz.

Pela farmácia passaram também José Correia que foi padrinho de Carminha. Francisco, irmão de Pe. Alípio que mamãe queria de todo jeito, casar com Natalina. (Mamãe tinha forte vocação para Cupido; sempre escondido de papai, claro.)

Renato de Castro que eu sei que era muito pequena, porque depois que eu era moça, ele gostava de dar risada dizendo que eu já havia feito muito xixi no colo dele. Dizia que ele se escondia de todo jeito, quando via mamãe chegando comigo no colo, mas não escapava, ela acabava me entregando prá ele e eu o brindava com uma bela urinada.

O último ajudante foi Nenê (Édison de Almeida) filho da Comadre Mariquinha. O afilhado de papai e mamãe é Waltencyr, mas ele era mais novo, ainda estava no Grupo Escolar, então, quem foi trabalhar lá em casa foi Nenê.

Quando começou, estávamos proibidas de ir à farmácia, desta vez, Carminha e eu. Mas o tempo foi passando e a proibição foi para o ralo.

Afinal, Nenê foi quase um irmão para nós. Eu, então, o amolava com tudo que eu precisasse: consertar brinquedos e utilidades, encher pneu de bicicleta, fazer agulhas de tricô (não preciso dizer que estão guardadas até hoje), descascar cana, quebrar coco e sei lá mais o que.

Quando ameaçava chuva, e eu estava na casa de alguma amiga, Nenê ia prá casa dele à noite levando capa, guarda-chuva, galocha, agasalho e mil recados de mamãe.

Prá dar injeção, eu achava a mão dele mais leve que papai e mamãe. Mas pedia segredo: "Se papai souber que eu disse isso, fico de mal com você para sempre".

Tenho um pesar, que ele morreu logo na época que Augusto e eu compramos nosso sítio.

Quando eu morava em casa, era louca prá papai comprar um sítio e ficava tramando com Nenê para ele estimular papai, quando aparecesse alguém oferecendo para vender. Ele também se interessava, pois gostava mais de roça que de farmácia. Mas papai foi durão.

Quando Nenê morreu tão novo eu fiquei ao lado do caixão, contando mentalmente prá ele como era o sitio que havíamos

comprado. Nós havíamos planejado até trazê-lo para nos dar idéias de como cultivar.

Lembro-me da reação de mamãe, quando eu não queria que ela subisse as escadas da Prefeitura para o velório. Ela me apontou o dedo e disse: "Você não sabe que é um filho meu que está lá?!" E subiu as escadas apoiada, em mim.

Carminha foi madrinha de José Geraldo, o primeiro filho de Nenê e eu sou madrinha de Elizete que é a terceira filha dele e minha primeira afilhada de batismo.

Nenê comprou a farmácia e a casa em que moramos, quando papai e mamãe se mudaram do Serra.

Mais tarde ele foi vereador e prefeito do Serra. O enterro dele foi um dos mais concorridos que vi no Serra. Foi uma pessoa muito especial. Tinha um gênio muito forte mas sabia se controlar, estava sempre de bom humor, era atencioso com todos. As pessoas gostavam muito dele e papai ficava satisfeito quando os fregueses o elogiavam.

Lembro das broncas que ele me dava toda vez que eu precisava tomar injeção. Todo espirro que eu dava, mamãe logo queria que eu tomasse uma Eucaliptine ou um Ozonyl. E eu me recusava terminantemente.

Uma vez, mamãe cismou que eu precisava de umas injeções tônicas. Mandou Nenê por a injeção na seringa e eu dizendo que não ia tomar. Nenê obedeceu mamãe, é claro, mas eu tranquei a porta do quarto por dentro e fiquei lá. Mamãe quando viu que não tinha jeito, a não ser que arrombasse a porta do quarto, mandou Nenê aplicar a injeção nela, para não desperdiçar.

Nenê virou uma arara! "-Vocês são umas meninas muito luxentas, dizia ele. Quanta gente queria pagar para tomar uma injeção dessas e não pode e vocês que tem dentro de casa não querem".

Guardo lembranças e saudades dele com muito carinho.

Esta poesia que Efigeninha de Deusy me deu, passa a fazer parte destas minhas lembranças, sem autorização do autor, porque é a poesia que eu gostaria de escrever, mas não tenho o dom de fazer versos.

DEVANEIOS

Jackson Lopes de Faria

Se de doces lembranças, a cismar,
A melancólica dor nostálgica
De um ínfimo ser, a balbuciar
Futuro, realidade presságica.
Inda criança, a sonhar... devaneios;
De mil venturas, quem sabe, um dia!
A conhecer lugares... anseios;
Quanta ambição, quanta rebeldia!
Se de mim, não fosse a ânsia louca,
Muito mais que lugares, pessoa;
A declinar nomes, memória oca
No murmurar saudoso, um hino entoa
Pessoas boas, cujos apelidos
Carinhosos, a nos trazer amor
O João Turbina, sempre controvertido
Sô Pó, Natana, Chico Doutor.
Chico Gato, Nadico, Nenego,
Ciato, Totó, que gente boa!
Rita Preta,oh quanto chamego!
Sá Cornélia, Sinhá Capoeirôa.
Efigênia Caroço, Sá Zefa,
Maria Calixto, Mário Paulina
Vicente "meu boi", quanta tarefa!
Sinhá Basilão, gente fina.
Quem não se lembra do Zé Cavaquinho,
De Dona Inhá,a famosa bolacha;
Sá Manoela Doida, com carinho,
Do Fíu Procópio e sua cachaça?

Eloi, Olavo, grandes boêmios
A engalanar a noite serrense
Juvelano e Guinu, grandes prêmios
Henrique Sessenta, fluido circense
Sebastião Caroço, Sá Donária
Alcide Azul, Pingo, Canta-Galo;
quase todos, pessoas lendárias
Qualidades? Defeitos? Me calo.
Se na memória,figuras lendárias
Na cultura,lembrança divina
Dona Marieta, Odila, Genária
Dona Sílvia e Dona Etelvina.
Lembrança, sempre doce lembrança
Do Serra guardada em meu peito.
Se de todos quando eu era criança
De muitos me esqueci, não tem jeito
Se de minha cadência, a memória
Num só elo, perdoem-me, por favor
Se de muitos não cantei a vitória
Foi lerdeza e, não falta de amor.
Homenagear a todos, em princípio
É correr o risco de se esquecer
Porém do querido Padre Alípio
Jamais... Seria eu, o mais baixo ser.
Amparo do Serra, jamais vistes
Tantos vultos lendários postados;
De mim, pobre filho, apenas ouvistes,
A ínfima alusão de um ser alado.
Jequeri, 1 de fevereiro de 1996
De quem eu me lembro, só faltou Dr. Braúna.

Didi foi um grande sonhador. Sonhou grande para o Serra. Certa vez, com um grupo de amigos, chegamos a planejar juntos, algo mais concreto, mais que sonho. Infelizmente, naqueles tempos de comunicação difícil, as cartas enviadas, nunca recebidas, podaram os sonhos e talvez a cooperativa, semente de outros melhoramentos, em nossas jovens cabeças. Mas Deus tem seus caminhos e nem tudo que sonhamos está nos planos dEle...

Didi de D. Marieta. A lembrança mais forte que guardo dele foi quando ainda criacinha sofreu paralisia infantil, doença considerada fatal naqueles tempos. Se não matava, aleijava. Mas Didi saiu ileso. Graças a Deus e a dedicação de D. Marieta que a partir de então, tornou-se sua mãe.

Lembro-me que papai quando chegava da visita diária, à casa do Sr. Juca Diogo, trocava toda a roupa, lavava as mãos e os braços até o alto e o rosto. E como acontecia nessas ocasiões, ficava super abatido. E isso "abaixava o farol" de todos lá de casa. E mamãe pedia prá gente rezar por Didi.

Quando fiquei sabendo do falecimento dele, já adulto, pai de família, já havia passado muito tempo.. Fiquei tão triste! Uma vida jovem, cheia de planos e sonhos, truncada de forma brutal. Mas por certo ele não deixou de sonhar, mudou a forma de sonhar. "Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque deles é o reino dos Céus!"

Por ocasião da doença de Didi, D. Marieta ficou licenciada no Grupo e foi substituída por Diva Neves que havia chegado recém-formada do Colégio das Carmelitas. O que mais me impressionou foi o Sinal da Cruz que ela fazia com requintada elegância. Um Sinal da Cruz bem feito, amplo, de quem se orgulha de ser cristão. Passei a imitá-la, e em meus tempos de catequista a ensinar as crianças a fazerem com orgulho o Sinal da Cruz.

No ano seguinte, Diva foi minha catequista e eu causei horror um dia ao dizer que eu não podia pensar na presença real de Jesus na Eucaristia, porque se eu pensasse, eu duvidava. Mal sabia eu que estava certa. Com 8 anos, o que entenderia eu de razão e fé?

Hoje é meu aniversário. 62 anos. Domingo, reuni meus filhos e os meus sobrinhos para um almoço. Foi muito agradável. Fiz uma feijoada completa, com toda a gordureba a que temos direito,

mas somos proibidos pelos médicos e nutricionistas. Sobremesa: canjica, com tudo também, chocolate inclusive, e muito. Estava um friozinho gostoso e ninguém me decepcionou. As sobras foram pequenas: o suficiente para não envergonhar anfitriã, nem convidados.

A lembrança de minha irmã foi uma constante. Estou cansada de fingir que está tudo bem comigo. Deus sabe que não me conformo.Todo dia, toda hora que olho pro céu eu pergunto; "Oh! Meu Pai, porque o Senhor fez isso conosco?" Foi a primeira vez que Deus me decepcionou. Eu esperei com toda certeza, até o último momento que Ele revertesse a situação. Como Ele sempre me ouviu.

Agora, eu entendo, quando fui ficar uns dias com D. Maria quando Zé Cária morreu e eu a encontrei tranqüila e serena; entendo também a serenidade de Guerrinha quando nos encontramos numa passeata de greve e ela me perguntou se eu sabia que ela havia perdido Mazzarello. Dalva quando perdeu os três filhos e uma netinha em acidente. E, tantas outras pessoas amigas, que perderam entes queridos, e eu ficava me perguntando como podiam suportar a dor com serenidade. Agora entendo: a serenidade é só por fora; uma espécie de "abobamento". Por dentro, é dor só. Dor, dor e mais dor. O sentimento é de que arrancaram um pedaço de mim que eu não sei qual, nem onde está. E junto com a saudade de Carminha, vem uma saudade danada de papai, mamãe, Doinha, Tarcísio, Tia Lili, Madrinha Tereza, Padrinho Nutinho, meus avós, Nenê, todas as pessoas queridas que já se foram. Agora é que parece que eu tomei consciência da partida de todos eles, realmente. Agora também é que realmente eu tenho certeza que sou mortal. Antes eu tinha absoluta tranqüilidade que Carminha e eu viveríamos mais de 90 anos como mamãe e várias de nossas antepassadas. Certa vez, ela chegou a me dizer: "Eu nunca vou dar conta de morar junto com você. Mas eu tenho duas amigas que compraram apartamentos no mesmo prédio, um em frente ao outro e eu achei uma idéia ótima!" Pude perceber o que ela pensava para nosso futuro. Também eu tinha absoluta certeza que chegaria, pelo menos aos 80 anos. Agora é que tomei consciência, apesar de ter convivido tanto com Doinha que repetia sempre que nunca sabia se estaria viva no dia seguinte, que posso partir a qualquer instante,

que não tenho garantia nenhuma nem para amanhã, nem para esta noite. Enquanto Carminha estava por aqui eu levava a vida normalmente. Ela era minha irmã e pronto. Cheguei até a comentar com Maria José de Léllis:"Eu e minha irmã somos dois opostos.Temos gostos muito diferentes. Não tenho muita liberdade com minha irmã. Às vezes converso coisas mais íntimas com você do que com ela". Depois que ela se foi é que me dou conta da falta que ela me faz. Quantos assuntos, quantos casos eu só contava prá ela! Quantas perguntas eu só fazia prá ela! Quantas opiniões, só me serviam as dela. Quantas coisas ela me ensinou! E acima de tudo, como ela me ajudou a sofrer com papai e mamãe no final de vida dos dois. Quanto do fardo ela carregou! Sem ela não sei o que teria sido de mim. E eu, nem de longe imaginava o quanto para ela estava sendo pesado porque ela me poupava de dizer suas dificuldades. Quanto ela era cuidadosa com detalhes que às vezes me passavam despercebidos! Quanto ela foi cuidadosa e dedicada com meus filhos! Há pouco tempo, encontrei nos meus guardados, uma carta de Maria Elisa para mim quando eu estava na Europa, em 1980, dizendo; "Tia Carminha não nos abandona; está sempre aqui conosco".

Talvez só na outra vida Deus vá me permitir entender porque Ele fez isso conosco. Por enquanto, deverei continuar sofrendo, fingindo que tudo está bem, aproveitando para chorar na rua, no centro da cidade onde ninguém me conhece e onde pode acontecer de tudo.

Lembro-me o dia em que ela nasceu, papai chegou perto de mim, pela manhã e me disse:

— Vá ao quarto de sua mãe, ver o presente que Papai do Céu trouxe para você.

À noite, na véspera, eu escutara mamãe gritando, mas Hermínia e Madrinha Hermelinda me falaram que era algum doido gritando na rua. As crianças daquele tempo eram fáceis de ser enganadas, mesmo eu tendo ir dormir com papai em outro quarto! Quanto à parteira não havia problema pois era Vovó Leontina.

Carminha puxou mamãe: já nasceu vaidosa.

Certa vez, mamãe encomendou seu Antônio de Barros para fazer umas sandalhinhas para ela. Um dia, enquanto Doinha fazia

o almoço, ela ficou tão empolgada que subiu na cancela da porta da cozinha e começou a balaçar e cantar:

— Gude bá! Gude Bá! Fá papaque lá lá um!

Era tão pequena que a linguagem dela era assim. Tradução:

— Antônio de Barros! Antônio de Barros! Faz sapato, lá na rua!

Enquanto ela balançava, a tramela do portãozinho virou, ele se abriu, e ela despencou, lá no terreiro. Foi um susto danado! Mamãe e Doinha choraram, papai ficou nervoso, mas felizmente foi só susto.

Outro grande susto que ela nos passou, foi um dia em que atravessou a rua, vindo da casa de Santinha, bem na frente do ônibus, dirigido por Jurandir Cária, que nessa ocasião era de Dr. Antônio, em sociedade com papai e outra pessoa que não me lembro. Não é preciso dizer que foi motivo para papai sair da sociedade.

Hoje, estive limpando meus tachos, um dos quais foi de mamãe e pode ter sido feito pelo Seu João Turbina. Que lembranças guardo do Seu João Pataro ou João Turbina? A primeira é o ruído de seu martelo acertando os tachos; também nos cravos das ferraduras dos cavalos. Ele era um apaixonado por cavalos. Papai não nos deixava ir ao cinema assistir aos faroestes, mas Nenê nos contava da vibração do João Pataro, com os cavalos dos "cow boys", nas telas.

Lembro-me também das gameleiras frondosas e da eterna luta de mamãe, para que ele mandasse cortar os galhos que faziam sombra lá em casa: ele com pena das árvores e mamãe querendo aproveitar melhor nosso quintal.

Papai gostava muito dele, pois quando foi para o Serra, a casa em que primeiro morou foi a de D. Terezinha Pataro. Ele era uma pessoa interessante. Quando se queria dizer que alguém era teimoso, dizia-se :"Ah! João Turbina!".

Sinhá, também, era especial. Como gostava de um papo!... Com ela aprendi a fazer frivolitê e bordar à máquina.

Mamãe não gostava que nós ficássemos à toa e queria que estivéssemos sempre aprendendo algo novo. Eu era bem pequena quando fui aprender a fazer sapatinhos de crochê com vovó Tereza Barbosa. Lembro-me que ela me ensinou um ponto diferente de

crochê que mamãe não sabia fazer, e hoje sei chamar-se Crochê Tunisiano,

Papai e mamãe gostavam muito de passear também na fazenda de Vovó Lulu Barbosa que era irmã de Vovó Tereza . Com ela também morava a Anacleta — Fifia para os íntimos de quem eu gostava muito. Na fazenda de Vovó Lulu eles trabalhavam com fiação e tecelagem de algodão e na cozinha havia um descaroçador de algodão que me fascinava! Quando íamos lá, eu ia chegando e correndo para o descaroçador! Não é preciso dizer que tenho enfeitando minha sala uma réplica do mesmo, feito de acordo com o meu tamanho na época, por alguém da família de Vovó Lulu e ligado também à família do seu Juca Cunha e que infelizmente não me lembro mais quem era.

Sá Maria Idalina que foi nossa lavadeira por muitos anos, vendia minha produção de sapatinhos para as crianças que vinham da roça para o batizado.

Ajuntei dinheiro suficiente para comprar um corte de seda na loja do Seu Sinô. Tita fez o vestido para mim. Foi minha primeira aquisição com o meu próprio trabalho e como não podia deixar de ser, foi um vestido azul. Meu dinheiro não deu para pagar o feitio, foi mamãe quem pagou. Tenho uma foto tirada com ele no mesmo dia em que tirei minha foto da 1ª comunhão. Era, pois um vestido chic; digno de uma foto no estúdio do Sr. Caríssimo!

Sá Maria Idalina lavava roupa para nós. Como eu fiz xixi na cama até bem grande e ela lavava os lençóis, ensinava prá mamãe todas as "simpatias" que sabia, para me ajudar.

Numa ocasião, ela me prometeu que me daria uma franguinha no dia que eu parasse de molhar a cama. Acho que a vontade de ganhar a franguinha era tanta que eu parei de fazer xixi na cama e Sá Maria toda feliz, levou a franguinha para mim.

Passados alguns dias, volto eu a molhar os lençóis. Sá Maria ficou desapontadíssima e eu, mais ainda!

Pois não é que passados outros dias, minha bela franguinha amanheceu cantando como galo?!... D.Maria Idalina e Doinha se divertiam:

-Viu? Você voltou a palavra atrás, sua galinha virou galo!....

O canto da ave era de galo, o corpo de galinha.

Não me lembro qual foi o destino do/a galináceo/a. Não deve ter ido prá panela, porque eu não deixaria.

Há alguns dias vi na TV uma reportagem sobre um caso semelhante. Ah!... se existisse televisão naquele tempo!... Eu poderia ter vendido as imagens da minha franguinha para a Globo e Sá Maria Idalina e eu teríamos ficado famosas apesar de eu ser muito grande prá fazer xixi na cama!

Não sei porque Sá Maria Idalina deixou de lavar nossa roupa. Depois dela vieram outras das quais a que mais me lembro é Sá Ana, porque ela lavava a roupa lá em casa e eu já havia retornado do internato.

O melhor sabão para alvejar a roupa não era Omo, nem Ariel, mas Sabão Preto, feito em casa, com sebo e todos os ossos, de toda carne que se comia, durante meses. Era tudo misturado com "diquada" de cinza de "barreleiro" .Toda casa tinha o barreleiro no quintal e o tacho de fazer sabão. No dia de "tirar" o sabão tinha lua certa prá ele não entornar. Se chegasse uma pessoa de "olho ruim", não tinha jeito o sabão "desandava" não dava ponto de jeito nenhum. E na hora de "dar ponto", era um cheirinho bom que se espalhava na casa toda, e até pela rua!...

Mas quando a roupa era branca e precisava mesmo da brancura total — aquela que hoje só Omo dá — imaginem! a roupa era bem esfregada e posta de molho e a quarar com estrume fresco de boi! E, eu juro, nem Omo conseguiria por tão brancos aqueles lençóis de cretone branco, grosso mas macio em que eu fazia xixi.

Ah que saudade do cheirinho do sabão preto, do barulhinho do colchão de palha, do cheirinho do travesseiro de macela... Sinceramente, tenho pena dos meus filhos que nunca perceberão estas sensações gostosas... e da humanidade toda que trocou tudo isso e muito mais pela industrialização, pelo era do plástico, pelo conforto imposto pelo poder econômico.

Ontem, fui visitar uma assistida idosa de nossa Conferência Vicentina, D. Marieta que está em um asilo aqui perto de casa, e ela que é do interior, me distraiu com os casos de sua terra: o fogão à lenha... o forno de cupim... a matança de porco... a madrugada das quitandas... os bailes de sanfona... os banquetes dos casamentos... as lamparinas de azeite...o mel de abelhas buscado

no mato... Foi uma visita gostosa. Eu sou mesmo é do mato. Gosto de terra, de plantas, de animais.

Sei também de uma história que eu estava acompanhando contritamente uma procissão com mamãe, e quando um gatinho passou por nós, eu não tive dúvidas: corri atrás dele. No dia seguinte, um dos amigos de papai chegou na farmácia trazendo um gatinho, dentro de um saco para mim. Também infelizmente me esqueci o nome da pessoa que me deu e também o nome que dei ao gatinho. Até hoje, adoro gatos.

Atualmente estou vivendo uma fase gostosa. Nesta casa tenho espaço para horta, jardim, cachorro e gatos. Só faltam as galinhas...mas ainda não desisti delas; se eu viver mais tempo, ficar mais sossegada, não pensar em viajar, arranjarei um lugarzinho prá elas no quintal, prá voltar a escutar o galo cantando de madrugada.

Aí, vou me lembrar de mamãe, que para me distrair à noite quando eu perdia o sono, convidava-me para ouvir os galos:

— Este é de D.Tereza, dizia ela a cada canto. — Este, de D. Carmelita. Este, de Donana Portuguesa. Este, láaaa de Sá Cota Pinheiro. Este agora deve ser láaaa de D.Lilica...E por aí eu dormia, ou ela dormia antes e eu reclamava: — E este, mamãe? E este?

Lembro-me de uma vez que houve uma crise muito séria de sarampo no Serra. Papai e mamãe ficavam estressadíssimos, porque além do trabalho e da responsabilidade com tantas crianças doentes, eles morriam de medo da doença nos pegar.

Foi um dia muito difícil, e mamãe estava me contando história à noite para eu dormir. Ela dormiu primeiro, e como o doentinho mais grave naquele dia era o Afonso do Sr Caetano Lopes, ela emendou a história; "Então, a D. Baratinha deu banho no Afonso, deu uma injeção no Afonso..." E eu: "O que é isto, mamãe?!...."

E toda vez que alguém cochilava lá em casa nós, logo, diziamos: "Ih! Já começou a dar banho no Afonso, dar injeção no Afonso, pode ir logo para cama!...."

Papai foi colocado pelas circunstâncias naquela vida de "médico" ou "enfermeiro" sem estar preparado. Ele sofria muito. Quando o doente, então, era criança, ele quase adoecia junto. Aquele jeito seco dele, acho que era para esconder um coração mole.

Toda vez que ele negava alguma coisa prá gente, se nós chorássemos, ele voltava atrás e acabava concedendo. Quando me tornei adolescente eu ficava aborrecida, pois não sabia ouvir um "não" sem molhar os olhos. Por outro lado, pensava que daria a impressão que estava fazendo assim, para comover papai, o que seria uma covardia. Aliás, quando meus gatinhos morriam e eu chorava, papai quase chorava comigo.

Houve uma época em que papai criava galos de briga. Foi uma "febre", no Serra de brigas de galo! Os coitados dos galos voltavam prá casa em estado miserável!

Houve um, cujos ferimentos infeccionaram e papai e mamãe tentaram recuperar o coitado. Como o pobre não agüentasse comer, mamãe resolveu fazer uma papinha de fubá e despejar no bico do galo.

O pobre coitado que já estava mesmo na pior, sufocou-se e morreu nas mãos dos dois. Eu que acompanhava a cena, comecei a chorar, mas não com os olhos. Eu era tão pequena que ainda chorava era mesmo com a boca. E comecei a fazer beicinho para chorar. Papai quando viu, já ia me acompanhar quando mamãe acudiu aos dois :

"— Ih! A Rosarinha está fazendo bico ! É o bico do frango!"

Nós começamos a rir e mamãe deu jeito de sumir com o falecido!

A partir de então, lá em casa quando alguém dava sinais de choro, vinha, logo, a gozação: "Olha só o bico do frango!"

Eu sempre gostei muito de galinhas. Na divisa do quintal lá de casa havia um galinheiro grande, onde Seu Bellico ía juntando as galinhas que comprava do pessoal, para depois levar para vender em Ponte Nova.

Eu passava várias horas do dia, pendurada na parede do galinheiro olhando por um buraquinho e admirando as galinhas. Conversava com elas, principalmente as mais bonitas: "Vou pedir mamãe prá comprar você prá mim . Você não irá prá Ponte Nova", eu prometia. Como eu sempre vivi mais de sonho e imaginação de que de ação e realidade, alguns dias depois, quando eu chegava, o galinheiro estava vazio; as galinhas haviam sido despachadas para Ponte Nova.

Quando o galinheiro começava a encher de novo, eu começava tudo outra vez. Só perdi esta mania quando fui para o internato.

Papai e mamãe tinham uma noção interessante da cabeça e dos sentimentos das crianças. Pensavam que a gente esquecia tudo rapidinho e que era bom enganar a gente com algum projeto. Pode até ser que daí nasceu minha mania de sonhar acordada. Certa vez, papai apareceu lá em casa com a notícia que ia comprar a casa de seu Bellico, vizinha à nossa. E disse mais. Disse que a daria prá nós, Carminha e eu, para brincarmos com as bonecas. Creio que passei muitos meses, sonhando com essa casa, imaginando como eu passaria os dias inteiros lá, como distribuiria meus brinquedos . Eu conhecia bem a casa, pois Nestor e Maria Xista quando se casaram moraram nela. Suas filhas Lalá e Lili nasceram lá.

As meninas de D. Maria eram muito afeiçoadas a Maria Xista, como nós lá em casa com Doinha, e a gente sempre passava por lá. Mas papai nunca comprou a tal casa que serviu só para me distrair nas horas de insônia.

Atividade semelhante, a contar os galos, faço hoje quando perco o sono. Brinco de fazer recenceamento do Serra. Começo da casa de D. Etelvina e venho subindo lembrando os nomes dos moradores das casas. Se, chego lá em D. Lilica e o sono não veio, faço algo mais complexo. Começo a nomear os filhos, de preferência em ordem cronológica . Começo pelas famílias mais numerosas. Seu Antônio Pedro, Seu Adeodato, D. Lilica, Seu Ilídio, Compadre Quinto, e por aí vou... É um jeito bom de dormir e de manter viva a lembrança das pessoas.

Hoje, 15 de março, seria aniversário de D Etelvina. Dia 11, foi Dr. Antônio. Interessante. No Serra, no meu tempo lá, não me lembro muito dos aniversários. Acho que as pessoas não davam muita importância. Lá em casa mesmo, as comemorações não passavam de um frango assado, macarronada e caçarola italiana, que a maioria das vezes, esborrachava quando mamãe ia virar. Acho que nem esborrachava tanto, mas mamãe também tinha vocação prá fazer drama e então, a hora de virar o pudim, lá em casa, sempre foi uma hora dramática!...

Minha visita especial, quando eu era pequenina, era Joaquim Botelho, que ia almoçar comigo e me levava um boneco de papelão que sempre se chamava Marinho. Acho que só depois que se casou, Quinca, como mamãe o chamava, deixou de almoçar comigo, no meu aniversário. Mas nunca deixamos de ser amigos. Ele andava com os bolsos cheios de bala e eu não ia querer perder um amigo assim. Eu o chamava de Quinca Baleiro.

Depois ele foi o paraninfo de minha turma do 4º ano.Terminou sendo substituído por Zé Cária, pois perdeu um filho há poucos dias da festa.

Nelcy, que era sua cunhada, era minha colega de sala, então, nós duas, no dia das Professoras e outras festividades, íamos à casa de Joaquim pedir a ele prá escrever nossos discursos. E fazíamos sucesso!...

Outro que ia almoçar comigo no meu aniversário, era Pe. Alípio. Aí, foi mais tarde, depois que eu era professora. Quando eu chegava do Grupo, Pe. Alípio estava lá em casa e mamãe e Doinha no maior aperto tentando melhorar o almoço, pois então, já não se comemorava nada . Nem frango assado, nem pudim...Mas eu me julgava muito importante porque Pe. Alípio se lembrava.

Pe. Alípio foi o grande pároco do Serra! Meu maior pesar é que naquela época eu não tinha capacidade para fazer essa avaliação. Pe. Alípio estava há anos luz, à frente de seu tempo. O único fato que eu percebia, é que ele era muito culto. Mas ele era muito mais que isso. Ele tinha uma visão do mundo que não cabia nos anos 50, 60 e nem no Serra. Mas teve uma saúde sempre frágil que não lhe permitia grandes vôos. Ainda assim, trabalhou incansavelmente na paróquia e nas muitas capelas. E o trabalho dele não era só a vida espiritual, não. Muito antes do Vaticano II ele já se dedicava ao social, promovia festas, e as festas estavam sempre ligadas a atividades educativas, valorização do folclore, da cultura da região, dos produtores agrícolas. Como todos os humanos não era perfeito, mas num balanço de perdas e danos, as virtudes saíam ganhando.

Todas as datas eram motivo para comemorações solenes: Semana Santa, Padroeira, mês de maio....Convidava sempre padres de cidades próximas ou missionários. Aliás, o número de padres

presentes e o tamanho do "Castelo" (fogos de artifício) davam a medida da grandeza da festa.

Pe. Alípio preocupava-se em envolver na prática religiosa os homens, as crianças, os jovens. Nas tardes de domingo, a igreja ficava cheia de crianças para o Catecismo. Aos presentes eram distribuídos cartões de presença que depois de somarem um determinado número de pontos eram trocados por brinquedos ou jogos, pelo próprio Pe. Alípio.

Ajudou nos trabalhos para emancipação do Serra. Incentivou a Banda de Música e seu feito mais importante — fundou o Ginásio Nossa Senhora do Amparo. Só isso vale por tudo. Pode-se dizer que há um Serra antes do ginásio, e um Serra depois do ginásio. Só quem viveu naquela época pode avaliar a importância desse gesto de Pe. Alípio. Vou transcrever aqui o discurso que escrevi em 1971 quando tive a grande honra de ser paraninfa da turma de formandos do ginásio.Vou tentar transcrever para conservá-lo, pois mesmo no papel, já está se apagando.

Transcrição do discurso como paraninfa da turma do Ginásio:

..... Um medo de Ter todos vocês reunidos.....

Daí, a razão de minha grande alegria, ao receber o convite de vocês. A partir do momento que o recebi, comecei a imaginar este momento. Meus conterrâneos quase todos reunidos aqui, eu podendo ver todos e falar a todos. Meu único pesar é que estou aqui para falar e não posso ouvir o que cada um tem para me contar.

Estive muitas vezes pensando no que diria aos meus afilhados. E fui, então, aos poucos tomando consciência de minha grande responsabilidade. Esta solenidade de conclusão do Curso Ginasial, eu bem sei, tem um significado enorme para suas vidas. Vocês nunca esquecerão as pessoas que estiverem ligadas a este acontecimento. Nunca esquecerão desta amiga que está paraninfando vocês. O que eu disser aqui, agora, ficará gravado para vocês, como em uma fita magnética e durará muitos anos.

Eu mesma me lembro de uma reunião semelhante a esta, da qual jamais me esquecerei. 13 de dezembro de 1948, aqui, neste mesmo salão, eu recebia das mãos de meu grande amigo José Cária, naquele dia representando outro grande amigo — Joaquim Botelho — o meu diploma de conclusão do Curso Primário. Participavam

ainda de nossa grande alegria, nossa Diretora, tão amiga, D. Etelvina e nossa professora muito querida, D. Maria Nazareno que com tanto zelo nos preparou para aquele momento .....
cujo nome trago no coração e desculpem-me não enumerar, porque a lista seria grande. São momentos dos quais a gente nunca se esquece.

Mas não posso me perder em recordações. Meus afilhados por certo estão a esperar de mim uma orientação, um conselho que marque para eles, não só o fim de uma etapa vencida mas também uma outra que se inicia.

Pensei, nesses meses de expectativa, muitas coisas para lhes dizer. Entre os muitos conselhos que pensei em lhes dar, separei dois. Os dois que julguei mais importantes.

A minha vida como a de todas as pessoas tem sido marcada por experiências alegres e tristes. Momentos de desânimo e de coragem. Fracassos e vitórias. De minha experiência de vida, tirei para lhes dizer, estas idéias. Não formam um discurso maravilhoso como talvez vocês esperassem. Mas são palavras, perdoem o lugar comum, saídas do coração.

Tendo o certificado na mão, vocês por certo pensarão em alçar vôo. Desejarão voar longe e alto. E este é meu primeiro conselho: não se iludam com as cidades grandes.

O que faz um lugar bom para se viver não é ter muitos cinemas, teatros, clubes, boates, restaurantes granfinos; não é o muito dinheiro que se possa ganhar ou as muitas coisa que se oferecem para se comprar. Mas o que faz um lugar ótimo para se viver, é a gente sair de casa e as pessoas na rua sorrirem prá gente; é você chegar 'a janela e as pessoas que passam pela rua lhe desejarem "bom dia", "boa tarde" ; é você não ter medo de estar em casa sozinho mesmo sendo criança, porque.....há amigos.

AMIGOS. A AMIZADE isto é que faz a vida boa. Isto que vocês têm aqui e dificilmente encontrarão lá fora.

Muitos, por certo, estarão pensando: mas se ela não quis ficar aqui, com que autoridade nos dá este conselho. Eu me explico . Creio poder lhes dizer essas coisas justamente porque tenho esta experiência: sei o que é viver aqui e o que é morar lá na cidade grande. Lá não se vive, mora-se. Lá não se tem tempo para "bater-

papo", não se fazem visitas, não se tem tempo para dar um telefonema, escrever uma carta. Não se cultivam amizades.Os relógios são uns loucos. Os dias, as semanas, os meses passam sem que a gente veja. Por isso, eu lhes digo: organizem suas vidas aqui. Saiam um pouco para estudar, se for preciso mas não cortem as raízes. Voltem depois. Lá fora é bom para se passar um tempo. Mas depois cansa. A solidão toma conta de gente. E a solidão dói muito!

E o nosso Serra precisa muito de vocês. Precisa de médicos, contadores, professores, enfermeiros, agrônomos... Vocês que tiverem esta oportunidade maravilhosa, transformem-se em doutores, mas voltem para servir aos conterrâneos. Lá fora, já são tantos os doutores, que muitos fazem de sua profissão, não um apostolado, um meio de servir, mas um meio de explorar os semelhantes. Aqui vocês serão muito mais úteis.

Creiam; estou a lhes dizer estas coisas e sentindo uma necessidade muito grande de desculpar-me perante vocês. Sinto que estou lhes descobrindo minha alma e nem sei se isto cabe num momento como este.

Há 23 anos atrás, quando eu saí daqui para o internato em Ponte Nova, não havia outro meio de se estudar. As estradas e os transportes daquele tempo, não eram fáceis como os de hoje. Sem falar no Ginásio que vocês têm hoje à porta de casa. Quanta facilidade este Ginásio trouxe para vocês! Ah! As nossas partidas para o internato cada começo de ano! Como me lembro! Santinha com as faces molhadas.... Comadre Irene disfarçando a emoção... D. Zica com a voz embargada fazendo as ultimas recomendações...Doinha em pranto de verdade que não podia esconder...

Só por isso este ginásio seria abençoado. Quantas lágrimas de mãe ele poupou! E quantos jamais conseguiriam estudar se não fosse ele!

Além do ginásio, vocês têm condições de prosseguir seus estudos, ali mesmo, em Ponte Nova ou Viçosa. Ou mesmo Ouro Preto, Juiz de Fora ou Belo Horizonte, cidades hoje tão próximas daqui, com a melhoria das estradas e dos transportes. Nós, os da minha geração, nada disso tivemos. Se quiséssemos estudar mais,

era ir para mais longe. E a gente acabava organizando a vida por lá. Acabava por constituir família. E ficava, Deus sabe como. Há desejos de voltar. Mas como? Para onde? Para nossa cidade? Para a cidade de nossos esposos ou esposas? Porque como eu, existe uma multidão. Esta não é apenas a minha história, mas a de um grande número de pessoas com as quais convivi e convivo nos locais de trabalho, na faculdade, nas repúblicas e pensionatos onde morei. E ainda muitas outras que a gente não conhece mas das quais tem notícias através das coisas que lê.

E foi também pensando neste problema que o governo tem incentivado a criação de novas escolas nas cidades do interior.

Aqui, em Amparo do Serra, da porta da Matriz, a gente vê a cidade toda. Vocês são quase todos parentes. Quem não é, tem grande possibilidade de vir a ser. Vocês podem fazer disto aqui o melhor lugar do mundo para se viver. Transformar o Serra numa casa muito grande, habitada por uma família. Basta que sejam amigos e queiram fazer isto.

Lembro-me agora, e aproveito para exemplo, de uma lenda gaúcha, narrada há alguns dias, em um programa de televisão:

Uma criança se perdera nos trigais gaúchos. Sua família saiu a procurá-la; a princípio, o pai, a mãe, os irmãos. Aos poucos, os amigos foram se juntando àquela família aflita. A noite veio caindo. Eles começaram a acender velas, tochas e lanternas e continuavam a procura; cada um procurava por um lado, por um lugar diferente.

Até que um estranho que passava, ao tomar conhecimento do fato, deu um conselho;

— Amigos, vocês são tantos, porque não se dão as mãos, fazendo um grande círculo, e depois vão fechando a roda? Esta criança não pode estar tão longe. Ela há de aparecer no meio do círculo.

Assim eles fizeram. Deram-se as mãos: adultos, crianças, homens, mulheres, patrões, empregados, jovens e idosos. Todos. Fizeram uma grande roda. Depois foram se aproximando. Cada vez mais unidos, cada vez mais perto uns dos outros. A roda foi diminuindo, as distâncias desaparecendo. Quando estavam bem juntos, a criancinha estava presa no meio da roda. E o pai com grande emoção, tomou-a nos braços e exclamou:

— POR QUE, AMIGOS, POR QUE NÃO NOS DEMOS AS MÃOS ANTES?

É isto, meus amigos. Darem-se as mãos.Todos por um; um por todos. Querendo o bem e a grandeza de nossa terra. E a nossa terra, são as pessoas que aqui nasceram ou aqui residem.

Promovendo o bem estar de meu colega de escola ou de trabalho, de meu vizinho ou conhecido, estou promovendo minha terra e a mim mesmo. Se as pessoas a meu lado, com as quais eu convivo, estão felizes, eu, por certo, me sentirei feliz também.

Nós vimos há pouco na TV Itacolomi, no programa "Mineiros Frente à Frente" de que são capazes as cidades pequenas, quando seu povo se junta querendo algo em comum .Que espetáculos belíssimos de cultura e sobretudo de união nos ofereceram!

Visitando Amparo do Serra, eu encontro sempre o progresso. É o Ginásio, o Clube, a Agência da Caixa Econômica, o jardim, o asfaltamento das ruas, a CEMIG...Quanta coisa já se fez e quanta coisa ainda se pode fazer! Basta que nos demos as mãos! "A união faz a força", a gente aprende desde o Grupo Escolar. Um, sozinho, nem sempre pode o que quer, mas vários reunidos podem fazer milagres. E o milagre maior da união é afastar a solidão. É fazer as pessoas se sentirem acompanhadas, amparadas, amadas e felizes. Porque de nada vale a cidade bonita, com luzes, monumentos, praças e jardins, ruas movimentadas, comércio faturando, lavoura produzindo, rebanhos se multiplicando, se as pessoas não estiverem sorrindo felizes.

O Prof. Lauro de Oliveira Lima, em seu livro Escola Secundária Moderna, nos dá uma imagem desta realidade de que lhes falo:

"Percorrendo nosso interior, encontramos as escolas como verdadeiros quistos sociais sem nenhuma ligação real com o meio."....."Os alunos ali formados, desajustam-se de seu meio e desejam apenas emigrar, sendo a escola, assim, instrumento de esvaziamento para a sociedade local, que perde, através da escola seus melhores elementos".

E o mesmo professor nos diz como corrigir este mal:

"A escola deve ser o laboratório, a oficina, o centro da comunidade. Ela deveria planejar para cada ano letivo, visitas a todos os setores produtivos da comunidade: fazendas, fábricas,

empresas de transporte, casas comerciais, correios, postos de saúde etc..Visitas estas, estudadas e planejadas de forma que os alunos visitantes pudessem conhecer o funcionamento, as dificuldades e as realizações, para que pudessem ajudar a solucionar problemas que sempre existem. Os estudantes poderiam prestar seus serviços como estagiários ou como colaboradores.

A própria escola poderia ser uma pequena oficina, escritório ou granja. Aí poderiam se produzir verduras, flores, ovos, mel; poderia ser feita a escrita das casas comerciais locais, fabricados móveis simples, poderiam se fazer costuras, bordados, doces, concertos de rádios, relógios, publicação do jornal local.

A escola deveria ser o centro da comunidade . Para ela deveriam convergir todos os empreendimentos e dela partir o impulso da melhoria social. Ela deveria, entre muitas outras atividades:

- promover a vida social e recreativa do meio;
- abrir uma biblioteca para uso da comunidade;
- centralizar as comemorações cívicas;
- tomar iniciativa de campanhas para o bem da comunidade".

Tudo isso, não sou eu quem diz, é um grande educador brasileiro, vocês podem fazer e conseguir com o seu Ginásio. Este ginásio sonhado, no qual ninguém acreditava quando surgiu e que já está diplomando sua terceira turma. Este Ginásio que eu já disse, abençoado por muitos motivos, deve ser a menina dos olhos de cada serrense, desde as mais altas autoridades: o pároco, o Sr.Prefeito, srs. Vereadores ao mais simples trabalhador.....não apenas se orgulhar dele, mas defendê-lo e ajudá-lo com todos os recursos.....dos serrenses é o meu segundo conselho.

Quero que vocês me dêem licença para uma homenagem que fiquei devendo há alguns anos atrás.

Foi numa festa semelhante a esta. Uma festa do 4º ano do Grupo Escolar. Pe. Alípio me deu a palavra e eu fiquei tão perturbada que não consegui dizer nada. Naquela festa a paraninfa era D. Marieta. E eu estava a pensar no censo de justiça daquelas crianças quando escolheram sua madrinha. Tive oportunidade de expressar meus pensamentos mas não fui capaz de fazê-lo, e até

hoje não me perdoei por isso. Quero pois aproveitar esta nova oportunidade — que talvez outra não me seja dada — para saldar minha dívida.

D. Marieta não é serrense. Muita gente talvez, nem saiba disso. E ela talvez, nem goste que se diga. Que me perdoe, se assim for. Mas ela dedicou toda uma existência às crianças do Amparo do Serra. Quantos dos presentes não aprenderam a ler e escrever com D. Marieta? Quantos lhe confiaram seus filhos? Para todos ela foi sempre a mestra muito enérgica, mas muito carinhosa e humana. Ensinava as matérias do programa e ainda achava tempo para uma poesia, um canto, uma ginástica, uma festinha. E às sextas-feiras....a "revista" lá ía ela, um por um, examinando unhas, orelhas, pescoços e dentes, para saber se os banhos estavam sendo bem tomados e os dentes bem escovados. E com a mão que castigava, acarinhava também as cabecinhas louras, aneladas ou escuras pimentinhas.

A minha homenagem a todos os professores de Amparo do Serra. Dos Grupos Escolares, das Escolas Rurais, do Ginásio. A todos minha homenagem na pessoa de D. Marieta — a professora por excelência.

Devo ainda uma palavra aos srs. Pais e sras. Mães. A estes pais estas mães que lutaram em silêncio para que vocês subissem hoje a este palco, enquanto eles estão lá em baixo, misturados entre os demais, anônimos, comovidos e felizes, contemplando vocês. A eles meu respeito e minha homenagem.

A estas mães que não sabem da existência das ligas feministas, que não gritam pelos direitos das mulheres, que não precisam buscar sua realização profissional em cátedras e escritórios porque elas se realizam com o carinho dos esposos e os beijos dos filhos. A estas mães da minha terra, meu muito obrigada por tudo de bom que mora na minha alma e que aí penetrou quando meus olhos contemplaram-nas na singeleza de suas tarefas diárias :Foi freqüentando suas casas, foi na sua convivência que eu aprendi que a felicidade existe e que ela é simples.

Para concluir, falta apenas agradecer aos formandos a oportunidade maravilhosa que me proporcionaram de vir aqui, participar desta reunião. Para este agradecimento só encontro uma frase : DEUS LHES PAGUE !

Hoje transcrevendo esse discurso vejo o quanto eu estava amarga e solitária naqueles dias, pois confesso que quando o escrevi, achei-o uma obra prima. Fiquei vários dias trabalhando nele. Creio que hoje eu escreveria diferente, pelo menos algumas coisas. Mas afinal, quanto mudou o mundo nesses 30 anos, não é mesmo?

Hoje recebi um presente muito especial! Celsinho veio me trazer por gentileza de Efigeninha, uma fotografia onde estão Chico Doutor, Jurandir e Nair de Edite.

Chico Doutor está em destaque e é na verdade o personagem principal da foto. Ele foi um dos tipos populares do Serra. Filho de D. Amélia, usava as unhas compridas e a barba e cabelos longos, coisa que naqueles tempos, só os loucos faziam. Fazia questão de estar sempre de palitó, não tenho certeza se de gravata também e de ser chamado de Doutor! Se era louco não sei. Sei que não fazia mal a ninguém, trabalhava rachando lenha, mas eu tinha um medo horroroso dele. Nunca soube explicar porque.

Uma tarde, eu estava em casa de Maria Drumond, logo depois que ela se casou. Estávamos à janela conversando, como se costumava ficar, quando eis que Chico Doutor, veio se aproximando bem na direção da janela. Quando eu o vi, desatei a correr, sem explicar porque.

Maria, sem saber o que estava acontecendo, correu atrás de mim. Quando eu vi que ela estava correndo também, mais eu corri e só fui parar no fundo do quintal. Quando paramos, eu estava sem fôlego para explicar-me e tivemos o maior ataque de riso.

Maria Drumond foi uma amiga muito querida. Quando eu a conheci, ela era namorada de Renato. Ela era a Cigana da peça de teatro "A vingança da Cigana" que D. Maria preparou para nossa festa de formatura do quarto ano. Eu era o alvo da vingança: uma menina que fora roubada pela cigana.

Toda tarde, íamos ensaiar a peça e o que eu mais lembro dos ensaios é das broncas de Zé Cária, de D. Maria desenhando um rosto de Zé Cária que eu achei uma perfeição (começo de romance? D. Maria jura que não.) e de Marcílio "pegando no pé" de Maria Drumond perguntando que dia Renato teria coragem de encarar os bigodes do Sr. Juca Diogo.

Como ele encarou não sei; sei que às vésperas do casamento quem adoeceu foi Maria. Não me lembro bem o que ela teve, (eu estava no internato,) se foi pneumonia, sei que foi alguma coisa grave. Mamãe sempre se lembrava disso, dizia que ficara muito preocupada, tivera muito pena de Maria e lhe dera grande apoio. Muito amigo de mamãe mais tarde em BH, foi Renatinho, filho dela. Até convidou papai e mamãe para padrinhos de casamento!

Seu Juca Diogo era uma pessoa que papai estimava muito. Eu me lembro dele vestido com um pesado sobretudo, de chapéu e bengala, assentado no banco da farmácia, conversando com papai sobre as últimas notícias dos jornais, que no caso eram da guerra. Papai ficava do lado de dentro do balcão, vestido com uma enorme capa gaúcha e eu, no colo dele, enroladinha na capa. Naquele tempo fazia frio e havia a 2a guerra mundial. Eu me julgava muito bem informada porque escutava os papos de papai e seu Juca Diogo. Às vezes seu Vicente Pires também fazia parte da roda. E eu queria crescer logo, para ser enfermeira da Cruz Vermelha e acudir, acudir não, **salvar** os soldados na guerra.

Quando a guerra terminou, lembro-me que eu estava passando à tardinha em frente ao sobrado, quando alguém que não me lembro bem, mas sempre acho que foi Ieda de Quinto, me deu a notícia. Fiquei muito desapontada porque não poderia mais ser enfermeira. Papai havia me dado uma boneca com o uniforme da Cruz Vermelha (chamava-se Cacilda) e eu ficava me imaginando linda com aquela boina branca com a cruz vermelha.....

Até hoje, quando se fala na guerra o que lembro é de papai conversando com os amigos à noite na farmácia, eu embrulhada na capa gaúcha, e nós comendo um pão de milho delicioso feito por seu Caetano Lopes porque a farinha de trigo estava racionada e que eu achava muito mais gostoso. O café também era feito com rapadura, porque não havia açúcar.

Também me lembro de um laboratório farmacêutico que promoveu um concurso, perguntando "em que dia os aliados entraram em Berlim?". Eu, tudo que envolvia número, eu respondia 21 porque é meu aniversário. Aí veio a notícia que os aliados haviam entrado em Berlim no dia 21. Fiquei toda feliz porque havia ganho Cr$1000,00 mas nunca os recebi. Papai tinha um revólver, com-

prado do sr Braz Pataro e como ele não soltava foguetes, nas comemorações, ele chegava na janela do "quarto de baixo" e descarregava o revolver. Foi o que ele fez nessa noite. Achei que era porque eu havia ganho mil cruzeiros; mas nada; era porque os aliados haviam entrado em Berlim. E eu achava que sabia muito sobre a guerra!....

Ah e também me lembro de Juarez que foi convocado para a guerra, o único herói que eu conheci pessoalmente.

Todos tinham de ouvir o "Repórter Esso", no rádio, a 1 hora da tarde, para saber a cotação do café. Como hoje se procura saber a cotação do dólar.

E todos os anos a gente ficava aflita prá ver o calendário da Esso, porque trazia sempre uma crítica a alguma situação econômica ou política. Hoje eu fico furiosa quando americanos se riem de nós. E adianta muito!...mas naquele tempo os EEUU tinham salvo o mundo de Hitler! E viva os americanos!....

No rádio, nossos programas prediletos eram "Balança mas não cai" com Paulo Gracindo e Brandão Filho nos papéis principais e as novelas da Rádio Nacional, o repórter Esso, as crônicas de Genolino Amado na voz de César Ladeira, todos na Rádio Nacional. A rádio Tamoios também tinha bons programas mas não me lembro o nome de nenhum....

Rádio era nossa diversão e informação. Na Semana Santa, papai gostava de ouvir os sermões de bispos e padres famosos, em diversas cidades do Brasil. E eram realmente belíssimas peças de oratória. Pelo menos. eu assim pensava na ocasião. Mas na sexta — feira Santa, as rádios do país todo, e acho até que do mundo todo, só tocavam músicas clássicas e as mais tristes....

Sete de setembro, papai acompanhava no rádio os desfiles militares em S. Paulo e no Rio.

A Rádio Nacional nos ligava muito ao Rio, já que em Belo Horizonte não havia uma estação que chegasse até nós com um bom som. Lembro-me também, com espanto, que papai ouvia corridas de automóvel pelo rádio. É claro que só ouvia o roncar dos motores e os comentários dos locutores. Eu ficava horrorizada!...

Havia as propagandas no rádio que eu acho ainda mais bonitas que as de hoje:

Passa, passa o Talco Ross
Quero ver passar
Passa, passa o Talco Ross
Prá refrescar!
Pílulas de Vida do Dr Ross
Fazem bem ao fígado, de todos nós !
Magnésia Leitosa, gostosa, fiel!
Magnésia Leitosa, gostosa,
de Orlando Rangel!
Duas vezes ao ano
Visite o dentista,
Três vezes ao dia
seja colinozista!

E a campeã que Zé Cária me explicou ter sido feita por César Ladeira:

Se é Bayer, é bom!

A novela "O Direito de Nascer" na Rádio Nacional foi o maior sucesso e acho que durou mais de um ano. Quando a eletricidade no Serra estava tão ruim que à hora de deitar tínhamos de iluminar as lâmpadas, com velas para ter certeza que não estavam acesas, Zé Cária fazia ligação do rádio, na bateria do caminhão de Juarez, para os fãs não perderem nenhum capítulo!

Eu gostava de ligar o rádio e ficar tentando sintonizar estações estrangeiras. Não sei se eu tinha idéia que o idioma seria diferente...

Mas se morresse alguém de nossa família ficávamos um mês, pelo menos, sem ouvir rádio. Se fosse alguém muito amigo, também não se ligava o rádio por uns tempos.

Dr. Antônio foi sepultado no dia da decisão da Copa do Mundo de 1958. Foi um drama intenso que vivemos. Dr. Antônio era um amigo queridíssimo! Como um irmão de papai...Eu chorei tanto a morte dele que Doinha ficou o dia todo me perguntando: "Quero saber se quando eu morrer você vai chorar este tanto?!" (Não sei...mas acho que chorei e choro bem mais!).

Mas o Brasil estava na iminência de sagrar-se campeão do mundo! No dia do jogo, não resistimos. Papai levou o rádio para um quartinho no fundo da casa e nós três ficamos lá, com o rádio baixíssimo, tivemos de ficar debruçados, amontoadinhos em cima

dele para ouvirmos o jogo. Sem nenhuma comemoração, sem nenhuma vibração com os gols! Não houve um só foguete no Serra pela vitória do Brasil, em 1958.

O animador do futebol no Serra, era Seu Bellico. Aliás seu Bellico era o animador do Serra. Sem ele o Serra não andava!... O time era o América Futebol Clube. Nos dias de jogo, ele vinha com toda a família da Fazenda, e muitas vezes fui assistir ao jogo com eles de "camarote" que era atrás da máquina de limpar café, nos fundos da casa deles, no alto do monte de palha de café, de onde se tinha uma visão privilegiada! Eu não entendia nada! Mas achava lindo quando algum jogador dava um chutão e a bola atravessava o campo quase de um gol a outro!...

E depois do jogo, Zé Cária passava mal e papai ficava furioso! Não entendia porque Zé Cária tinha de jogar futebol, se sofria do coração...E assim Zé Cária viveu e foi vovô, sempre sofrendo do coração! Também, com a quantidade de namoradas que ele tinha....

Também Seu Igidio Cária, pai de Zé Cária morreu num dia que devia ser de festa no Serra.

Havia terminado a ditadura de Getúlio Vargas e o Marechal Eurico Dutra fora eleito, pelo PSD.

Os políticos haviam conseguido que D. Helvécio nomeasse um Padre para o Serra que há alguns anos estava sem padre. Padre Alípio chegou debaixo de festas para celebrar a missa e creio que ele não sabia que estava programado um baile para a noite, no salão do cinema — salão de Zé Cária. Se sabia foi diplomático para aceitar, pois ele era radicalmente contra os bailes.

Lembro-me que tia Lourdes ajudou a desenhar uns escudos que fariam parte da decoração do salão. Também fiquei muito tempo ajudando a envelopar convites para a tal festa.

Toda vez que havia posse de algum eleito, as comemorações constavam de Missa Solene pela manhã e à noite, benção do Santíssimo Sacramento e canto solene do "Te Deum"...e depois, o baile.

— Mas na véspera, à noite, Seu Igídio faleceu e não houve festa...

Vovó Ondina era muito enfronhada na política nacional e como Carminha e eu havíamos ganho dois bonequinhos, ela batizou os dois de Eurico e Eduardo.

Vovó Ondina lia o jornal todos os dias e guardava aquelas informações todas na cabeça. Quando ela morou lá em casa, depois que Vovô Luís faleceu, eu dormia no mesmo quarto com ela e à noite antes de dormir, batíamos longos papos. Ela me contava sobre seus tempos de solteira quando morava na fazenda, sobre suas irmãs e irmãos, sobre as notícias do jornal. Mas nunca, nada muito pessoal.

Lembro-me que ela me falava do Humberto Mauro, enteado de Tia Lina, contando-me como era a casa dele, que ele vivia para o cinema. Ela contava tudo com a maior simplicidade; acho que nem ela sabia da importância dele e eu, muito menos.

A família de papai não era muito de abraços e beijos (ao contrário da de mamãe) mas Vovó Ondina estava sempre atenta a tudo que acontecia conosco e sabia sutilmente dar sugestões oportunas.

Lembro-me uma vez em que eu já mocinha, vivia com os cabelos despenteados. Ela me chamou e disse:

— Olha, se você passar a escova nos cabelos várias vezes ao dia, eles vão ficar brilhantes e muito bonitos.

Outra vez, eu tive uma alergia nas mãos que se encheram de bolinhas que coçavam sem parar. Papai e mamãe estavam pelejando com os remédios que eles conheciam mas não dava certo. Vovó, valendo-se da leitura do jornal, falou com papai que comprasse Creme Velman para eu usar nas mãos. Pois não é que deu certo?! Com 3 dias de uso, eu estava com as mãos limpinhas!...

Outra lembrança da atenção de Vovó, é quando eu estava em casa dela em BH me preparando para o Vestibular. Numa vitrine, no Edifício Acaiaca, onde havia aulas do Cursinho, havia também uma linda sombrinha azul, que todos os dias me falava:"— Compre-me, por favor!" Eu não resisti e comprei a sombrinha. Depois que estava com ela em casa, (sempre acontecia isso comigo) lembrei-me que eu não precisava de sombrinha que mamãe havia me dado uma no Natal, e fiquei no maior amuo.

Um belo dia, Vovó me chamou e disse: "Rosarinha, eu estou notando que você está triste desde o dia em que comprou esta sombrinha. Assim, você não consegue aprender nada. Me dê esta sombrinha que eu vou escondê-la em um lugar onde você não possa vê-la. Quando terminarem os exames você poderá de novo apreciar

sua sombrinha que é muito bonita e de muito boa qualidade." Isso, era um gesto de carinho muito grande; maior que muitos abraços e beijos. Vovó me ensinou também a fazer as rendas em que ela era mestra. Eu ainda não perdi toda a esperança de algum dia fazer alguma coisa!

Do Vovô Luís, tenho também minhas saudades... Lembro-me que ele não deixava a gente falar o português errado de jeito nenhum. Mas as lembranças mais interessantes são de brincadeiras que fizemos com vovô. Naquele tempo, fazer brincadeira com pai ou avô era falta de respeito. Vovô, então, não achava graça nenhuma nessas coisas. Uma tarde eu resolvi amarrar um barbante em uma moeda e colocar no meio da rua para enganar as pessoas que passavam. Estava brincando sozinha, logo Tarcísio já devia ter ido para o Caraça. Fiquei assentadinha na calçada da casa de D. Dora, segurando a ponta do barbante. Eu me distraí com alguma coisa e quando olho, quem estava já pertinho da moeda? Pois é; Vovô Luís. Fiquei apavorada e não sabia o que fazer. Enquanto eu pensava,Vovô abaixou, pegou a moeda e eu deixei que ele seguisse o caminho.... arrastando, atrás de si, o cordão. Tudo bem até que vovô percebeu o cordão, jogou a moeda no chão e procurou quem estava na outra ponta do cordão... Eu, muito sem graça, corri para dentro de casa e fiquei caladinha esperando as conseqüências. Não demoraram muito, pois toda tarde, após o jantar, papai ia à casa de Vovô e Vovó. Vovô apresentou a reclamação, Vovó pôs panos quentes dizendo que era uma brincadeira de criança. Papai ao chegar em casa me disse que brincadeira só se fazem com pessoas da nossa idade e assim terminou a história mas eu, até hoje, acho muita graça nisso. Acho que é preciso ter conhecido Vovô Luís para saber da graça. Ele deve ter ficado muito bravo, mas não brigou comigo...Aliás, ele me chamava de "minha netinha".

— Minha netinha, vem cá.

— Minha netinha não fala pai. Você está brincando com o Vovô, não é? Minha netinha diz papai e mamãe, não é?

— Minha netinha, você precisa cortar o cabelo. Estas tranças pesadas não estão deixando você crescer direito.

Disso, eu não gostava, pois disputávamos, as meninas, quem tinha as tranças mais grossas, e eu achava as minhas o máximo!

Só cortei as tranças quando fui para o internato, porque eu não dava conta de trançá-las e mamãe é que fazia isso para mim todas as manhãs.

Mamãe teve um jeito todo seu de nos ensinar a viver. Ela sempre nos fez acreditar que éramos as mais inteligentes, mais bonitas, mais cultas, mais habilidosas pessoas do planeta; e as mais fraquinhas, porque ela achava chic ser fragilzinha, um "biscuit"... embora ela própria fosse uma forte e destemida garota criada em uma fazenda e disso se orgulhasse. Mas nos ensinou também que, sem as demais pessoas, nós nada seríamos, que deveríamos sempre tratar bem a todos, pois conviver bem com todos e ter muitos amigos era muito importante. "Não há rainha sem sua vizinha", ela dizia sempre.

Não gostava de nos ver desocupadas. Devíamos estar sempre fazendo alguma coisa. Ela ficava injuriada quando eu saía para a casa de amigas, durante o dia, prá não fazer nada. Isso foi muito bom porque eu aprendi a fazer muita coisa...Mas nada de serviços domésticos...isso era com Doinha. Com mamãe, artes e artesanatos... com Doinha, casa e cozinha....

Doinha foi outra sábia!....Quando queria que nós fizéssemos alguma coisa com ela, chegava com um jeitinho manso e ia dizendo: "Não consigo passar esta minha saia direito. Você é craque nisto. Consegue fazer todas as preguinhas... Você não quer passar prá mim, não?!" Era uma saia toda de listas, azul, rosa e branca; cada lista era uma prega! e Doinha tinha uma poupança bem avantajada!...Mas, como negar?!

Outras vezes com o mesmo "papo" eu era convocada para alguma costura, lavar alguma peça, tirar bifes, bater bolos, limpar frangos, refogar arroz, mexer angu, varrer a casa, passar óleo peroba nos móveis, e por aí a fora...

Mas o que me fazia sentir o maior orgulho, era faltar na escola prá fazer todo o almoço, quando papai ia prá Ponte Nova cedo, e Doinha ia lavar a casa. Isso, prá mim, era a glória ! Mamãe resmungava um pouco, mas acabava deixando.

Depois que nos casamos, mamãe vivia repetindo: "Não sei como minhas filhas cozinham tão bem....eu não entendo nada de cozinha!..," e nossa resposta era sempre a mesma também: "Uai, mamãe! Esqueceu de Doinha?!" Ela ria e dizia:"' É mesmo..."

Doinha cozinhava bem e nas casas por onde esteve antes de ir prá nossa casa foi sempre aprendendo. Disso ela gostava. Pena que ela não pudesse interpretar receitas porque não sabia ler. Lembro-me que ela gostava de fazer quibes e explicar: "Isso, eu aprendi com D. Salma, é comida da terra dela..."

D. Salma era casada com seu Artur Mucci que era dono de uma "venda" e era quem matava os porcos lá em casa. Quando o filho deles, Maurício, ficou noivo de Nelci, convidou papai para fazer o pedido de casamento ao pai da noiva, Seu Vicente Fuscaldi e marcou o dia em que papai devia fazer o pedido.

Papai ficou tão empolgado com a missão que custou a esperar o dia marcado, queria ir antes e se mamãe não segura...

Nelcy foi minha colega de grupo no 2º, 3º e 4º anos. Ela era bastante levada, mas muito estudiosa e interessada. No 4º ano, em uma das vezes que ela era Presidente de nosso Clube de Leitura, trouxe, para colocar na mesa de reunião, uma toalha linda, toda bordada em ponto de cruz, que pediu emprestada a Losa. Tudo transcorreu muito bem. A reunião era a última atividade do dia e já estávamos saindo quando D. Maria resolveu mostrar à Marly, a belíssima toalha! D.Maria e Marly abriram toda a toalha para admirá-la melhor e ficaram segurando cada uma de um lado. Nelcy, prontinha para sair, com os objetos escolares no braço, o tinteiro em cima dos cadernos, resolveu brincar com D.Maria, fazendo de conta que ía assentar-se na toalha...Virou-se de lado e deu um pulinho... e lá se foi o tinteiro prá cima da toalha, derramando a tinta e fazendo uma terrível mancha azul!...

D. Maria teve um ataque. Marly tentou acalmá-la em vão. Nelcy levou uns bons tapas. Nós todas que estávamos por perto, ficamos em estado de choque e fomos saindo de fininho...Não sei o destino da toalha. Não me lembro se a tinta chegou a derramar na parte bordada. Mas por certo que foi salva. As tintas não eram tão impossíveis como as de hoje.

Outra lembrança engraçada que tenho da Família Fuscaldi foi uma vez que mamãe havia comprado um retalho de lã verde e feito, com ele, para mim, um mantozinho. Eu fiquei louca para estreá-lo e pedi à mamãe para ir visitar Nelcy. Tudo bem, até a hora em que fomos para a cozinha e eu enquanto conversava com

D. Lilica, Nelcy e Ide me assentei dentro do pilão e a última coisa que havia sido socada fora pó de café. O meu mantozinho verde, saiu do pilão negro como pó de café. Eu devo ter ficado muito desapontada, pois D. Lilica e as meninas fizeram o possível e o impossível para devolver-lhe a cor. E devem ter conseguido, pois não me lembro de ter levado bronca de mamãe.

Aliás, existem alguns objetos do Serra que eu gostaria de ter em minha casa: um, é este pilão, o outro, o relógio antigão de parede que era do Grupo Escolar; outro a cadeira de balanço de Dr Antônio; outro o genuflexório de Pe. Alípio, outro um daqueles bancos, em que a gente se assentava nas cozinhas para bater papo...

Outra notável de D. Maria na escola, foi no 3º ano com Luiz Erneck, que não me lembro porque, nós chamávamos de Luiz Saraborote.

Luiz estava resolvendo um problema no quadro negro e escreveu a palavra "calcolo".

D. Maria avisou que havia um erro. Luiz pôs o acento: cálcolo.

D. Maria avisou que ainda estava errado. Luiz apagou tudo e escreveu — cárcolo. D. Maria tornou a falar que estava errado. Luiz apagou tudo de novo, olhou prá nós, coçou a cabeça, olhou pro quadro e tornou a escrever — cálcolo –

D. Maria perdeu a paciência e gritou o mais alto que pode:

— É e e e e e e e C U U U U U U U U U U U U , meeeeeeniiiiiiiiiiiiinoooooooo!!!!!!!!!!!!!!!!

Foi uma gargalhada geral na sala, D. Maria ficou roxa de tão vermelha e depois, Joaquim a zombar de D. Maria que na praça inteira, todos tinham ouvido, até Pe. Alípio, lá na igreja.

Outra façanha minha foi com Naná, Violeta Drumond. Foi um dia de chuva, e ficamos na sala de aula durante o recreio, pois não tínhamos pátio coberto. Naná estava de pé desenhando no quadro-negro (que era realmente negro) e eu, cheguei atrás dela e dei-lhe um chute no bumbum. Fiz isso com a intenção de brincar, como sempre, mas fui infeliz: acertei o chute justamente sobre um furúnculo. Naná chorou muito, e eu que não esperava pela reação, fiquei muito sem graça.

D. Maria e D. Marieta vieram conversar comigo e perguntaram porque eu fizera aquilo. Não tinha explicação. Lembro-me que D.

Marieta me perguntou se eu não gostava de Naná. Gostava, claro, porque não haveria de gostar?! Como explicar que era uma brincadeira, um gesto tão desagradável?

Eu sempre gostei de brincar com as pessoas; queria ser igual minha tia Titininha que brincava com todo mundo. Mas às vezes me dava muito mal.

No ano em que Vovô Luiz morreu, D. Zica convidou Carminha e eu prá passarmos o Natal com a família dela.

No Serra, naquele tempo o Natal era comemorado com a consoada no dia 24 e almoço no dia 25 de dezembro.

Fomos todas contentes para a consoada na casa de D. Zica, onde estavam João Bellico e Maria com todos os filhos. Isso prá mim era a glória: uma mesa cheia de gente! Resolvi, então, me fazer de engraçada e contar que papai estava apertado, porque o médico havia proibido mamãe de se levantar à noite para atender os doentes porque ela precisava de repouso, estava doente. Hoje penso que mamãe estava era com depressão, em conseqüência da morte de Vovô.

Bom, tudo normal até que João Bellico, em uma manhã, bem cedinho, aparece lá na farmácia buscando remédio para algum dos meninos e diz que o mesmo havia passado mal a noite toda. "Mas João, disse papai, porque você não veio à noite? Era só atravessar a rua." E João, com toda inocência: "Nós não quisemos incomodar, porque Rosarinha nos contou que D. Selanira está doente e não pode se levantar à noite."

O sermão foi um dos maiores que eu já ouvi. E recheado com os conhecidos provérbios: "Em boca fechada não entra mosquito, quem muito fala dá bom dia a cavalo". O que se passa aqui em casa não é prá ser conversado fora, e por aí...

Coitado de papai! Até que eu acho que ele estava coberto de razão; os provérbios também certíssimos. Se eu conseguisse seguir os conselhos de meu pai, teria evitado muitos aborrecimentos ao longo da minha vida. Mas não teve jeito; já estou velha e continuo sofrendo de incontinência verbal....Não é que eu tenha desistido. Continuo fazendo meus bons propósitos, mas cumprir, são outros quinhentos... Só que agora, quem briga comigo são meus filhos. Mas pelo menos a gente já sabe do meu mal. "Assunto que não é

prá ser divulgado, a mãe não pode saber..." dizem eles. E eu confirmo: tudo que entra pelos meus ouvidos ou olhos sai pela boca.

Uma vez, Waltinho ficou doente e teve de tomar Penicilina que estava em seus primórdios, pelo menos no Serra. Devia ficar guardada em geladeira e ser tomada uma dose injetável a cada duas ou três horas, sem interrupção. Para facilitar para papai que ia aplicar as injeções, Waltinho foi dormir lá em casa e Cici que era mais íntima da casa, foi com ele. Pensei que fôssemos ficar brincando ou pelo menos conversando até a hora de dormir, mas que nada. Eles chegaram depois que eu já estava dormindo, dormiram na sala e saíram cedo antes que eu acordasse. Lembro que essas coisas, eu ficava imaginando calada, não comentei nada com mamãe nem com Cici. Acho que eu gostava mesmo é de falar o que não devia. Ou o que os outros achavam que eu não devia.

Uma vez fui passear com papai em D. Silvério, em casa de Vovô Luís e Vovó Ondina e lá fiquei conhecendo o pe. Gallo. Logo achei de fazer gracinha:

— Agora tenho um padrim padre Pinto (Pe. Pinto, de Urucânia) e um Padrim padre galo, só falta um padrim padre galinha!

Agora entrou o mês de maio e começaram as coroações de N. Senhora, na igreja. Coisa boa prá lembrar do Serra... Mas as coroações não têm a pompa como eram feitas no Serra. Lá era assunto muito chic. Mal acabavam as de maio já se estava pensando nas de agosto e vice-versa. As mães procuravam transformar as meninas nos "anjos" mais lindos que pudessem. As meninas tinham que cantar muito lindo e entoado e alto. Porque não tínhamos microfone. E foi aí, porque eu era desentoada e tinha voz fraquinha que mamãe teve a idéia de pedir a minhas protetoras, não me lembro se foi Marta ou Luzia, para cantar para mim, ficando atrás das cortinas do altar, atrás de mim. Mas, o verso da coroação, sei até hoje : " Aceitai esta coroa que vos dou de coração. Não tem ouro, esmeralda, mas tem muita gratidão."

Quem preparava as coroadeiras eram as cantoras do coro, Tita à frente.Até hoje, eu ainda escuto cantando na igreja Tita, Maria de Castro, Diva Neves, Maria Carimbamba, Nélia, Creola, Mariazinha... Eu sempre tive inveja de quem tem voz bonita e sabe

cantar. Por isso gosto de ir à "torcida de Deus" no Mineirão porque lá, eu posso abrir meu bico e cantar entusiasmadamente, mesmo que seja como uma cacatua....

Acho que esta frustração herdei de mamãe. Ela também gostaria de saber cantar. Era de uma família muito alegre que gostava de música. Ela sempre quis que eu aprendesse piano. Papai "com os dois pés no chão" não entendia. Mamãe chegou a autorizar as Irmãs do colégio para me darem aulas de piano que ela pagaria sem papai saber. Mas eu não dava mesmo prá isso. E depois, o medo de papai descobrir e por o mundo a baixo... Depois que me formei, mamãe fez nova tentativa e pediu a Tita que me desse aulas de harmônio, com autorização de Pe. Alípio, para usarmos o harmônio da "igreja de baixo". Até que eu não estava me saindo mal, mas aí, vim para BH e frustrei mamãe. Não sei se ela fez as mesmas tentativas com Carminha. Se fez, Carminha era mais positiva do que eu e não embarcou nessa... apesar de Carminha realmente ter o dom para artes e ser realmente entoada.

Agora é tempo de vento e a criançada fica soltando papagaio aqui perto de casa, e eu me lembrando de nossas brincadeiras de infância, no Serra. Lá, nós tínhamos "tempo" prá cada brinquedo. Se era *tempo de papagaio* (hoje sei que este é determinado pelo vento) a meninada toda soltava papagaio; *tempo de amarelinha* todos brincavam de amarelinha. Aliás, chamávamos de *maré* e não de amarelinha. Tínhamos tempo de *precipício (na época das chuvas, pois o chão precisava estar macio para a faca entrar bem. E haja facas de cozinha perdidas ou quebradas...), tempo de barra, tempo de rodar pião, tempo de jogar belisca, de pular corda, de carrinho de pau, de bolinha de gude, de roda, de queimada, de peteca, de bola de meia, de bonecas, de perna de pau* e por aí a fora...

Não sei quem determinava o "tempo". Acho que bastava um começar e os outros acompanhavam. Apesar de que, os papagaios dependiam do vento; o precipício precisava que as chuvas amaciassem o chão, o maré também era mais fácil de riscar no chão macio.

Nossas brincadeiras eram como as frutas e as verduras. Dependiam do tempo . Nada como hoje que nas feiras e supermercados se encontra de tudo o ano inteiro!

Tempo de manga e goiaba. Ah! Que delícia! Vamos prá fazenda de Nilza Bellico! E por lá ficávamos, às vezes uma semana, por conta de mangas, goiabas, comida de fazenda, jogar baralho, aprender, no rádio, as músicas do carnaval daquele ano, e muita brincadeira. O que eu achava mais chic, era à hora das refeições, assentar à mesa com seu Bellico que conversava conosco como se fôssemos gente importante!

Tempo de jabuticaba! Vamos prá fazenda de Loura! E a história se repetia. Mas dr. Antônio gostava mesmo era de fazer troça e dar suas gostosas gargalhadas, na cadeira de balanço.

Se João Bellico e Maria estavam na roça, para lá havíamos de ir com Martha e D. Zica e, ela ia tirar leite da vaca direto na nossa caneca, com bastante espuma!

Às vezes íamos prá fazenda de seu Zé Lino com D. Maria e Marly.

Eu ia também prá fazenda da Alemanha de minha comadre Filhinha e Compadre Fábio, com padrinho Juca. Lá o chic era ir a cavalo. Uma viagem e tanto! Aliás, o espetáculo da natureza mais lindo que já vi, foi uma tarde voltando de lá. Fabinho é quem me fazia companhia, e nós vínhamos no mais animado dos silêncios. Escureceu e eu estava começando a ficar com medo. Quando dobramos uma curva da estrada... havia tantos vaga-lumes e o céu estava tão estrelado que eu não distinguia os vaga-lumes das estrelas!... E eu estava no meio deles e delas, não sabia se na estrada ou no céu! Ou como canta o Pe. Marcelo Rossi: não sabia se a terra subiu, ou se o céu desceu.... Uma lembrança maravilhosa!

Íamos muito também na fazenda de seu Adeodato e de Chiquinho Bartolomeu. Nestas, eu não me lembro de ter dormido. O forte de Chiquinho Bartolomeu era pegar aqueles bezouros pretões e colocar no cabelo da gente.

Na casa de seu Adeodato, Carminha e Leda Maura me contaram que D. Tota se levantava à noite e corria as camas, para ver se estavam todos cobertos. Não nego que até hoje tenho inveja desse carinho...

Mas eu saí dos "tempos" e fui para as fazendas...havia também as verduras que a gente só comia uma vez por ano. Repolho e

alface vinham da horta de seu Antônio Pedro. Mas o mais esperado era o tempo do quiabo! Que era comprado na casa de Loura de Zé Lacerda. E nós não tínhamos muita frescuragem prá comer verdura, porque também, aquelas de que não gostávamos, só voltavam no ano seguinte....As mais "difíceis" eram a couve e o chuchu que produziam o ano todo!!!.....

Hoje tento reproduzir estas fases com minha horta mas é bem difícil!

No mês de maio, enquanto esperávamos a hora da "reza", fazíamos uma grande roda e cantávamos todas as cantigas a que tínhamos direito . Houve uma noite, em que, não sei porque, estávamos brincando de "pselei, passei"(não me perguntem o que é isso porque nunca soube e nem sei e, acho mesmo que ninguém sabe) e sem comunicação ou determinação nenhuma, percorremos todas as ruas do Serra. Até os meninos que não se misturavam com as meninas, acharam graça e entraram na brincadeira! Foi o máximo para mim. Tanto que nunca mais me esqueci.

As nossas brincadeiras eram tão singelas!... As cantigas de roda... A ultima vez que as ouvi foi há mais de 30 anos quando Cidinha Ribeiro fazia curso prá ser professora de canto do curso primário, no Instituto de Educação. E ela cantava tão bonito!...Hoje não sei se alguém se lembra destas cantigas.

Vou tentar registrar aqui, algumas de que ainda me lembro, para que não sejam esquecidas. Pena que não posso gravar as melodias....

Meus filhos todos foram embalados para dormir com estas cantigas. Eles dormiam mesmo, porque eu, prá cantar, continuo um desastre!...

Mas vamos as letras de que me lembro.

A primeira de que me recordo ter aprendido Fui no Tororó. Lembro-me que Carminha era bem pequenininha, estava chovendo, mamãe e eu de mãos dadas com ela, rodando pela sala e cantando:

Fui no Tororó
beber água, não achei.
Achei foi a morena
que no Tororó deixei.
Ô Maria, ô Mariazinha
entra nessa roda
e dançará sozinha.
Sozinha eu não danço
Nem hei de dançar
Porque tenho Fulana
Para ser meu par.

Depois vem:

Ciranda,cirandinha
vamos todas cirandar
Vamos dar a meia volta
volta e meia vamos dar.

O anel que tu me deste
era vidro e se quebrou
o amor que tu me tinhas
era pouco e se acabou

E outra:

Se esta rua, se esta rua fosse minha
Eu mandava, eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante
Para o meu, para o meu amor passar.

Esta foi por muito tempo minha preferida, principalmente quando a escolhida era Joaninha Moreira:

Nesta rua, nesta rua tem um bosque
Que se chama, que se chama solidão
Dentro dele, dentro dele mora um anjo
Que roubou, que roubou meu coração.

Se eu roubei, se eu roubei teu coração
Tu roubaste, tu roubaste o meu também
Se eu roubei, se eu roubei teu coração
É porque, é porque te quero bem.

Outra:

O cravo brigou com a rosa
debaixo de uma sacada
O cravo saiu ferido,
a rosa despedaçada.

O cravo ficou doente
A rosa foi visitar
O cravo teve um desmaio
A rosa pôs-se a chorar

Você gosta de mim ó Maria
eu também de você, ó Maria
Vou pedir a seu pai, ó Maria
Para casar com você, ó Maria.

Se ele disser que sim, ó Maria
Tratarei dos papeis, ó Maria
Se ele disser que não,ó Maria
Morrerei de paixão, ó Maria.

Pé, pé, pé, ó Maria
Palma, palma, ó Maria
Roda, roda, roda ó Maria
Abrace a quem quiser, ó Maria.

Esta a gente cantava nas rodas a dança da carranquinha, mas mamãe afirmava que era a dança das tais anquinhas.....

A dança da carranquinha
É uma dança esprengolada
Que põe o joelho em terra
Faz o povo ficar pasmado

Carranquinha, sacode a saia
carranquinha levanta os braços
carranquinha por ti eu morro
carranquinha me dá um abraço.

Chichico de mim não gosta
Carne seca com farinha
Pensei que Chichico era
Ladrão de minha galinha

Chichico é meu, será ou não
Bebendo água no caldeirão.
Chichico é meu!....

E aqui todos, ou melhor, todas pulavam no chão

Atirei o pau no gato, to, to
Mas o gato, to,
Não morreu reu, reu
Dona Chica, ca, ca
Admirou-se, se
do berro, do berro que o gato deu MIAU!...

Onde está a Margarida, olê, olê, olá
Onde está a Margarida, olê seus cavaleiros

Ela está em seu castelo, olê, olê, olá
Ela está em seu castelo, olê seus cavaleiros

Como eu poderia vê-la, olê, olê, olá
como eu poderia vê-la, olê seus cavaleiros

O muro é muito alto, olê, olê, olá
O muro é muito alto olê seus cavaleiros

Tirando uma pedra, olê, olê, olá
Tirando uma pedra, olê seus cavaleiros.

Uma pedra só não basta, olê, olê, olá
Uma pedra só não basta olê seus cavaleiros

Vai-se tirando, uma, duas, até saírem todas as crianças, e aí aparece a Margarida que é carregada nos braços pelas colegas, e termina-se a cantiga:

Apareceu a Margarida olê, olê, olá
Apareceu a Margarida, olê seus cavaleiros!...

Pirulito que bate, bate
Pirulito que já bateu
Quem gosta de mim é ela
Quem gosta dela sou eu!

Samba Lelê tá doente
Tá com a cabeça quebrada
O que ele precisa
é de uma boa lambada

Samba, samba,ó Lelê
Samba, samba, ó Lalá
Samba, samba, ó Lelê
Na barra da saia, ó Lalá!...

Eu vi uma barata na careca do Vovô
Assim que ela me viu bateu asas e voou
Seu Joaquim, quim, quim
Da perna torta, tá, tá
Dançando valsa, sá, sá
Com a Maricota, tá, tá...

Havia uma outra da qual eu não me lembro toda a letra, mas eu sei que eu gostava de ouvir era Cecé cantando:

Eu sou pobre, pobre, pobre de marré, marré, marré

Eu sou pobre, pobre, pobre de marré desci
eu sou rica, rica, rica de marré, marré, marré
Eu sou rica, rica de marré, desci

Aí, vinha uma historinha do rei que mandou buscar uma das filhas da pobre prá se casar e a pobre negava, mas o verso final, eu me lembro que era assim:

Esta, quero, esta não.
Esta bebe o vinho da mesa,
Esta come o requeijão,
Venha cá, meu coração.

Esta outra me faz lembrar Efigeninha Neves que me ensinou, e junto com a canção me fez ter a minha primeira Santa de devoção que foi Santa Teresinha do Menino Jesus.

Terezinha de Jesus
de uma queda foi ao chão.
Acudiram três cavalheiros,
Todos três chapéu na mão
O primeiro foi seu pai
o segundo seu irmão.
O terceiro foi aquele
que a Tereza deu a mão...

Junto a esta, Efigeninha me ensinou também outra, esta realmente de Santa Terezinha

Toda manhã Teresinha
ia à igreja rezar
ajoelhava ante a cruz
e as rosas, depunha ao altar
consagrado ao divino Menino Jesus!
Da santinha o olhar
não mais se desviou da cruz
e todo seu amor até morrer

foi sempre, sempre de Jesus.
Santa das rosas, meiga infantil,
dai proteção, ao meu Brasil

Esta outra, eu gostava muito de cantar para ninar meus filhos:

Passa, passa biliança passa
Na ponte da aliança
O gatinho passa e faz assim MIAU !
Assim, assim, outra vez assim: MIAU !

E a gente ia enumerando os bichos todos que conhecia...

Na mão direita tenho uma roseira
que dá flor na primavera (Bis)
Entrai na roda, ó linda roseira
e abraçai a mais faceira.
A mais faceira eu não abraço
eu quero a boa companheira

Põe aqui, põe aqui o teu pezinho
Põe aqui põe aqui juntinho ao meu
E depois não vai dizer
que seu par se arrependeu,
se arrependeu!

Esta outra, me lembro de Santinha cantando para Rodolfinho dormir:

A rolinha fez o ninho
pôs os ovos a chocar...
Veio a cobra e comeu,
a rolinha foi chorar...
Não chora, minha rola,
que a cobra, eu vou matar
Pelos ovos que comeu
ela tem de me pagar.

Já que entramos nas cantigas de ninar...a mais comum era:

Bicho papão,
sai de cima do telhado,
deixa este/a menino/a
dormir sono sossegado!

João corta pau
Maria mexe angu
Tereza põe na mesa
Peixe frito e caruru...

Dorme filhinho
que mamãe
tem o que fazer
roupa prá lavar
costura prá coser...

Dorme, nenê
que a cuca vem pegar
mamãe foi á feira
papai foi trabalhar

Boi, boi, boi da cara preta
pega este/a menino/a
que tem medo de careta.

Esta, quem tinha oportunidade de chegar perto de um piano, sabia fazer a melodia:

Vem cá Bitu. vem cá, Bitu, vem cá
Não vou lá, não vou lá, não vou lá
Tenho medo de apanhar

E aqui vão também os versinhos que a gente usava para embalar ou brincar com os bebês:

Serra, serra
serrá serrador
Quanto pau já serrou

Lua, luar, toma este/a menino/a
Me ajuda a criar
depois de criado/a
você torna a me dar

Hoje é domingo, bate o sino
o sino é de ouro bate no touro
O touro é valente, bate na gente.

Hoje é domingo, pede o cachimbo.
O cachimbo é de barro, bate no carro.
O carro é valente, bate na gente.
A gente é fraco, cai no buraco
O buraco é fundo, arrasa o mundo!

Cadê o toicinho que estava aqui.?
O gato comeu.

Cadê o gato? Foi pro mato
Cadê o mato ? Fogo queimou
Cadê o fogo ? A água apagou.
Cadê a água? Boi bebeu
Cadê o boi ? Tá amassando trigo
Cadê o trigo? Galinha espalhou
Cadê a galinha ? Tá botando ovo
Cadê o ovo ? O frade bebeu
Cadê o frade ? Tá rezando missa
Cadê a missa ? Tá na caixinha
Cadê a caixinha ? Foi pro rio abaixo...

Aqui a pessoa vai fazendo cócegas na criança como se estivesse procurando a caixinha.

Ou as brincadeiras que se faziam com nomes ou sobrenomes:

Rosarinha, inha, catibiribinha, serramatipinha, firifirifinha...
Brandão, ão, catibiribão, serramatipão, firifirfão....

Esta brincadeira, eu me lembro de Vovó Leontina fazendo conosco, prá gente logo, logo, sentir sono:

Uma, duas angolinhas, põem o pé na argolinha. O menino faz o jogo. Faz o jogo do capão. Conte bem Mané João, conte bem que doze são. Recolha logo este pezinho, senão ganha um beliscão.

A meninada ia procurando esconder os pezinhos para que ficassem bem quentinhos. Os que fossem encontrados frios levavam um beliscão.

Antes, Vovó contava uma história em que os pezinhos eram pães que estavam sendo levados para assar.

Prá escolher alguém para participar de um time havia todo um ritual. Os jogos mais comuns eram a BARRA MANTEIGA e a QUEIMADA. O "Rei" do time ia colocando a mão na cabeça de cada uma e dizendo as palavras de algum verso que determinava quem era escolhido;

Tique — taque, carambola, este dentro e este fora...

Fui na horta apanhar couve, encontrei uma coruja, eu pisei no rabo dela, ela me chamou de cara suja...

Una, duna, tena, catena, rabo de pena, Maria Cotó...

A galinha do vizinho bota ovo amarelinho. Bota um, bota dois, bota três...

Vou ali e volto já, vou apanhar maracujá....

Mamãe mandou dizer que é esse daqui.

Você quer brincar de pique, é de pique picolé. quantos piques você quer. A pessoa responde um número e depois é só contar.

Bico surubico, quem te deu tamanho bico. Foi Deus Nosso Senhor é de ouro é de prata é de mais ninguém...

Havia também as brincadeiras como Boca de forno:

Boca de forno
Forno!
Tirar um bolo!
Bolo!

Tudo que seu mestre mandar
faremos todos
E quem não fizer
Ganhará um bolo!

Chicotinho Queimado, Cabra-cega, me faz lembrar da meninada toda brincando no terreiro e paiol de D. Dora. Corre-cutia, "corre cutia, de noite e de dia, comendo farinha, na casa da tia", Passar-anel, Minha Direita Está Vaga, Berlinda, Estátua, Mãezinha posso ir, Quebra-Corrente, Macaco Disse, Partir Queijo, Sô Lobo: "Vamos passear na mata enquanto sô lobo não vem..." TATU PASSA AÍ :"Tatu passa aí? Passa não. E se passar. Vamos pegar..."

Partir queijo me faz lembrar da casa de Madrinha Tereza e Padrinho Nutinho, eu e os primos todos, mais a Maria José e o Preto, à noite, depois do banho, brincando juntos, na varanda, que eu achava o maior charme da casa.

E aqui eu me lembro de quando íamos, à noite, junto com Martha, prá casa de D. Zica e ficávamos brincando de adivinhação com o seu Zé Camilo. Ás vezes quem aparecia por lá e brincava também com agente era o Joaquim que trazia as perguntas mais difíceis.

O que é, o que é, tem coroa e não é rei, tem escamas e não é peixe?

O que é, o que é que tem barba e não é homem, tem dente e não é gente?

Todas as adivinhas começavam sempre com a fórmula "o que é, o que é" mas não vou ficar repetindo para economia de tempo e espaço.

... uma casinha de bom parecer, não há carapina que a possa fazer?
... cai em pé e corre deitada?
... do tamanho de uma bolota, enche a casa até a porta?
... a maior boca do mundo?
... entra na casa e fica do lado de fora?
... vai entrando na casa e pondo a cabeça na janela?
... enche uma casa e não enche u'a mão?
.... somos diversos irmãos, morando no mesmo ruado, quando um irmão erra a casa, todo mundo fica errado?

... tem bico mas não bica, tem asa e não voa?
... queima com água e não queima com fogo?
... tem pés redondos e rastros compridos?
... é cravo e não tem perfume?
... dez e dez não são vinte?
... põe-se no pé mas fere a barriga?
... entra na boca todos os dias, e a gente não come?
... no mato fica falando em casa fica calado?
... que a formiga tem maior que o boi?
... a mãe é mansa e as filhas são bravas?
... tem a mão separada do corpo?
... tem quarto e não tem a sala, tem meia e não tem pés?
... é verde e não é planta, fala e não é gente?
... nasce dentro d'água e não é peixe?
... passa na água e não molha?
... a diferença entre o padre e o bule?
... moça formosa entre duas tábuas; chova ou faça sol está sempre molhada?
... fica vazia de dia e cheia de noite?
... uma casinha toda amarela, sem porta e sem janela, onde moram muitos negrinhos?
... é seu mas os outros usam mais do que você?
... quatro irmãs que correm duas a duas sem nunca se encontrarem?
... como é que muda pé de café?
... como se tira uma pessoa da água?
... a diferença entre o boi e a igreja?
... que o boi faz quando o sol bate nele?
... que está no meio da rua?
... morto que engole vivo?
... cai no chão não quebra, cai na água e quebra?
... n'água nasci, n'água me criei. se nela me botarem, nela morrerei?
... anda, anda e não sai do lugar?
... andam os dois no mesmo lugar, e nunca prá trás. Quando um faz doze km o outro só um faz?
... anda com os pés na cabeça?

... Deus nunca viu, o rei vê uma vez ou outra, e o homem vê sempre?
.... pula prá cima e se veste de noiva?
.... tem tudo de gato mas não é gato?
... um marido que nunca se encontra com a mulher?
... corre no mato mas no limpo pára?
... que usa meias mas não usa sapato?
... um céu que não tem estrelas?
... quem faz não quer, quem usa não vê, quem vê não deseja por mais bonito que seja?
... três irmãos: o primeiro morreu, o segundo mora conosco o terceiro não nasceu?
... quanto maior, menos se vê, quanto menor, mais se vê?
... que primeiro sai da mata quando se põe fogo nela?
... anda na casa durante o dia e de noite fica atrás da porta?
... que está no meio do ovo?
... um animal que come com o rabo?
... que quanto mais enxuga mais molhada fica?
... o marido é rico e a mulher é pobre?
... trabalha deitada e descansa em pé?
... preto por fora vermelho por dentro, tem asas e não voa?
... anda e não faz rastro?
... passa n'água e não molha?
... alto está, alto mora, todo mundo vê mas ninguém namora?
... família de sete irmãos, cinco tem sobrenome, dois não?
... do penudo nasce o pelado, do pelado nasce o penudo?
... casa caiada, bonita, amarela, telhado de vidro, ninguém mora nela?
... casinha branca, sem chave nem tranca?
... joga prá cima é prata, cai no chão é ouro?
... anda mas não tem pernas?
... quanto mais cresce, mais baixo fica?
... na terra há dois, no mar um, no mundo nenhum?
... com capa não anda, sem capa não pode andar, para andar bota a capa, tira a capa para andar?
... vira a cabeça do homem?
... trabalha deitado e dorme em pé?

... dois irmãos sempre ao lado um do outro mas nunca se encontram?
... duas janelas que se abrem se fecham sem ninguém tocar nelas?
... que se vê uma vez em um minuto, duas em momento, nunca em um ano?
... a mulher veste e o marido não vê?
... sem mudar de tamanho, cresce, diminui, fica grande e desaparece?
... começa no fim e termina no começo?
... quanto mais é cortado mais alto fica?
... todos os dias vai ao céu?
... iguais no nome mas não no parecer, uma a gente come, a outra é de comer?
... nasce verde, fica branca por dentro e veste de luto?
... de manhã caminha com quatro pernas, ao meio dia com duas e ao por do sol com três?
... tem serrote, não é serrador, tem esporas não é peão?
... que a gente mata quando está matando a gente?
... só canta debaixo da mesa?
... está no meio do céu?
... ninguém quer ter, mas tendo, não quer perder?
... seis mortos esticados, dez vivos passeando, enquanto os vivos passeiam os mortos ficam chorando?
... nasce grande, morre pequeno?
... lenço que não pode ser dobrado, queijo que não pode ser partido?
... céu que não tem estrelas?
... mora n'água com o bico n'água mas não bebe água?
... tem dente mas não morde, tem barba e não é homem?
... ave que não tem penas?

Havia outras mais sofisticadas mas nem todo mundo sabia o enunciado de cor. Essas aqui, todos sabiam, assim também, como as respostas; só dava azar mesmo, se esquecesse....

Hoje voltei a fazer tricô, para o nenêzinho da minha prima Adriana que vai nascer. Como sempre, me lembro de Efigeninha Bartolomeu, pois em um dia que ela estava lá em casa, mamãe

tentava me ensinar a fazer tricô e havia esquecido como se fazia o ponto-meia, então, Efigeninha ensinou para nós duas.

O primeiro caderno de receitas de tricô que eu copiei, foi Nelita quem me emprestou. Neste tempo ela morava com Sinhá Bellico, Tenho guardado até hoje e coloquei o nome em um babadorzinho de Babador Nelita. Não havia a facilidade que se tem hoje para comprar revistas e nem dinheiro! Quem quisesse ter, tinha mesmo era que copiar.

Estou me lembrando também de D. Dora, por causa dos pernilongos.

Quando Lavínia estava para se casar, mamãe achou que eu devia dar minha pequena contribuição para o enxoval dela. Aí, toda tarde eu ia prá casa delas e ficávamos assentadas no terreiro, as três bordando. E os mosquitos perturbando a gente. D. Dora pegava um pedaço de telha, colocava nele uma brasa, e sobre ela, alguns retalhos de pano. Formava-se então uma fumacinha que espantava os mosquitos.

Acho que passei as férias inteiras bordando e não dei conta de um pano de prato! E o pior é que eu penso que eram férias de dezembro, pois, em julho, não teria tantos mosquitos.

Nessa ocasião eu aprendi com D. Dora um ponto de bordado que ela chamava ponto-relâmpago, o qual eu não consigo fazer mais, apesar das tentativas.

Hoje, eu estava fazendo tricô na varanda e os pernilongos me atormentando. Não é que eu viajei no tempo e no espaço, e de repente estava no Serra, com D. Dora e Lavínia, em 1951 ou 52 ?!...

Lembro-me também quando mamãe me deu notícia no colégio do nascimento de Heleninha. Eu já havia sonhado que Lavínia tivera uma menininha de olhos azuis.

Houve também um tempo em que Emílio tinha um bar na casa do compadre Quinto. Eu descobri que ele comprava garrafas de coroa. Foi uma festa! Não ficou uma garrafa lá em casa.

Quando eles moravam na casa ao lado de João Pataro, eu também ia prá lá, ajudar Lavínia com os biscoitos de polvilho.

Eu pensava que quando eu me aposentasse, eu iria visitar sempre todos os amigos serrenses que moravam aqui em BH. Ledo engano! A primeira coisa que fiz ao me aposentar foi dispensar a empregada e aí, virei "Rainha do Lar"....e adeus tempo!

Denise me deu noticia que está se preparando para ir a Praga durante os feriados do Carnaval.

Isto me fez lembrar do menino Jesus de Praga e uma história que aconteceu comigo.

Em 1947, fizemos uma tentativa de mudança para Ponte Nova. Papai e mamãe organizaram tudo no maior segredo, com certeza com medo de minha boca-grande. Quando ficamos sabendo, eles já haviam alugado casa em Ponte Nova. Aliás, não era casa, era um apartamento, bem perto da farmácia e do Grupo Escolar onde eu iria estudar. Mas não ficamos neste apartamento muito tempo, pois estávamos acostumados com a tranqüilidade do Serra e no apartamento acima do nosso, morava um radialista que se não me falha a memória era o Aldair Pinto, que era dono de um cachorrão enorme que aprontava a maior barulheira dentro de casa, principalmente à noite. Fomos então morar numa casa, atrás da igrejinha de Nossa Senhora do Rosário e esta casa dividia o quintal com o cemitério, o que não deixava mamãe nada satisfeita. Bem, já estou me desviando do assunto...

Todo ano, no dia 13 de maio, havia a festa do Hospital Nossa Senhora das Dores que começava com missa, procissão e terminava com as barraquinhas. Neste ano de 1947, fomos mamãe, Doinha, Carminha e eu para a procissão e as barraquinhas. Assim que começamos a percorrer as barraquinhas para ver as prendas, eu vi uma imagenzinha do Menino Jesus de Praga e me apaixonei por ela. Pedi logo a mamãe que quando ela fosse sorteada, eu queria jogar para ganhá-la.

Mamãe concordou comigo e nós ficamos por ali, participando de outros jogos e eu vigiando a barraquinha onde estava a imagem. Começou a ficar tarde, Carminha ficou com sono e mamãe quis levá-la prá casa.

Implorei a mamãe que me deixasse ficar mais um pouco, pois a imagem não havia sido posta a sorteio. Doínha se prontificou a ficar comigo e mamãe concordou. Passado algum tempo anunciaram que a prenda seria a imagenzinha. Era uma barraquinha de coelhos. Havia várias casinhas numeradas. As pessoas compravam um número, o coelhinho era solto e quem

houvesse comprado número da casinha em que ele entrasse, seria premiado. O meu número de aposta era sempre o 21 por ser o dia de meu aniversário. Pois não é que o coelhinho entrou na casinha número 21??!!!! Quando recebi a imagem do Menino Jesus de Praga, não sei se o chão sumiu debaixo dos meus pés ou se eu levitei!... Doinha como lhe era natural, começou a chorar! E aí, então, procuramos o rumo de casa, pois já era bem tarde. Quando estávamos no meio do caminho, encontramos com mamãe que já vinha nos buscar, porque segundo ela, papai estava muito bravo porque ela havia nos deixado prá trás. Quando mamãe me viu com a imagem nas mãos começou a chorar e lá fomos nós, as três chorando pela rua acima.

Outra lembrança que tenho bem nítida de nossa passagem por Ponte Nova, foi o eclipse total do sol, no dia 20 de maio de 1947. Esse sim, foi um eclipse de verdade! Acho que por causa da minha idade! Como sempre acontece, muito tempo antes, já se falava nele. No Serra, e também em Ponte Nova, as pessoas diziam que o eclipse era uma briga do sol com a lua e que se os dois se esbarrassem, a lua cairia sobre a terra e o mundo se acabaria. Eu, muito bem informada, graças a uma assinatura da revista infantil, "O Pequeno Missionário", dos padres do Verbo Divino, de Juiz de Fora, com a qual tia Lili me presenteara, sabia que não era nada disso. Mas não gostava de ficar falando para não parecer esnobe. Outra coisa que a revista ensinara, e que todo mundo sabia e da qual eu podia participar, era escurecer cacos de vidro com fumaça para olhar o eclipse, sem risco para os olhos. No dia "D" creio que ali pelas nove horas da manhã, o sol foi encoberto e a cidade ficou na maior escuridão, até acenderam as luzes dos postes das ruas. É claro que foi o eclipse mais demorado que já presenciei. Não me lembro do que vi no céu, só me lembro de uma grande escuridão, como se o dia tivesse virado noite. E como demorou!...

Lembro-me também do dia que voltamos a morar no Serra. À noite eu estava encolhidinha, em casa, vendo as meninas brincarem na rua e sem saber como me aproximar delas. Aí, algumas delas me viram e vieram me chamar, não me lembro quais foram; só sei que para mim foi um alívio, a glória, a salvação.

Sei também que no Grupo Escolar eu achava minha classe no Serra muito mais adiantada que em Ponte Nova. Lembro-me que em PN estavam aprendendo frações com denominador comum e nós no Serra já havíamos tido uma aula em que D. Maria trouxera um queijo da fazenda e depois de parti-lo em várias frações havia dado uma fração para cada um de nós. Já sabíamos operar frações com denominadores diferentes, reduzindo-as ao denominador comum. Em PN, estavam estudando sobre as abelhas e ficavam vários dias falando sobre elas; no Serra, nós estudávamos um inseto em um dia e seguíamos em frente,

Um dia, D Etelvina veio à nossa classe e com toda humildade, me citou como exemplo que eu estava voltando de PN uma cidade maior e com certeza achara as crianças de lá mais adiantadas. Eu fiquei de pé, pedi a palavra e dei minha abalizada opinião, que aliás não havia sido pedida. Mas não pude deixar de notar o ar de satisfação de D. Maria e de D. Etelvina.

Lembro-me que nossa educação era feita muito na base dos provérbios, tanto em casa quanto na escola. Ouvíamos sempre leitura de historinhas baseadas em provérbios e os mesmos nos eram propostos sempre como tema de interpretação ou redação.Os mais comuns eram:

Quem tudo quer, tudo perde.
Nem tudo que reluz é ouro
Macaco velho não mete a mão em cumbuca
Veio buscar lã e saiu tosquiado
Devagar, se vai ao longe.
Tanto vai o pote à fonte que um dia se quebra,
Gato escaldado, de água fria tem medo.

Mas tenho boas lembranças de PN também. Minha professora chamava-se D Stella e a família dela era dona do cinema de PN. Esqueci o sobrenome dela. Minha maior façanha foi fazer parte de uma dramatização em que eu era a Tia da personagem principal que era a Amelinha (Letícia Fonseca) cuja mãe era uma colega, chamada Eunice.

Lembro-me que eu era colega também de Maria Alice Garavini que eu achava parecida com um anjo, e José Geraldo Filho que eu achava o menino mais lindo do mundo.

Havia no Grupo Escolar em PN um Clube da Saúde e no dia da instalação do Clube Dr José Maria foi falar para nós sobre higiene. Até hoje ainda escovo os dentes seguindo as normas que ele nos ensinou.

Mas voltemos para o Serra, como na vida real. Mas antes, deixa eu passar pelo internato, pois lembrando-me do Dr. José Maria me lembrei do Dr. Abdala e da minha saga de faminta. Certa vez eu adoeci no internato e a Ir. Enfermeira que era a Ir. Alice foi me levar ao médico que era, no caso, Dr. Abdala, sem saber que ele me conhecia. Dr. Abdala me examinou, voltou-se para Ir. Alice e disse num desabafo que há muito tempo devia estar fazendo falta:

— O problema dessa menina, Irmã, é fome. Essa menina tem é fome!

A irmã, por certo não entendeu nada. Mas ele já devia estar cansado de pelejar com papai e mamãe para me deixarem comer de tudo.

Como estou falando de meus amigos mais sérios, vou falar do meu padrinho Pe. Rafael. Ele me acompanhou em toda minha vida de Igreja ou seja dos Sacramentos. Foi ele quem me batizou em 9 de outubro de 1 938, aniversário de papai. Ouviu minha 1ª confissão, em 15 de maio de 1945 e me deu a 1ª Comunhão em 16 de maio de 1945.

Quando fui crismada, ele era o assistente do Bispo D. Helvécio e me deu um tapa no rosto. Só faltou ele celebrar meu casamento porque, então, eu tinha um tio padre. O tio Tarcísio que foi quem celebrou, mas o Pe. Rafael foi meu padrinho.

Quando fiz a 1ª comunhão, Pe. Rafael estava em Jequeri, mas dava assistência espiritual à paróquia do Serra, indo lá periodicamente. Célia e Celina vestiram de anjo e Tereza e Naná vestiram de virgem e comungaram junto comigo. Depois Pe. Rafael foi almoçar lá em casa.

Eu me lembro mais do aperto para confessar meus horrorosos pecados e da emoção do vestido longo, com o qual mamãe me deixou ficar até à tarde do que da emoção de comungar.

Pe. Rafael foi sempre um apoio e uma força para todos nós lá de casa. Eu, pelo menos, era sempre a ele que recorria, nas minhas broncas com papai. E ele sempre me dizia:

— Você não conheceu seu pai nervoso. Depois que você nasceu seu pai mudou muito e tem sempre melhorado mais. Eu é que conheci seu pai bravo!

Muitas vezes também quando eu vinha a PN ficava hospedada com ele, Santina e Jacinta. Que saudade de Jacinta! Há quanto tempo não tenho notícias dela.

Minha madrinha de batismo foi Vovó Leontina e meu padrinho tio Nutinho porque Vovô Luiz não pôde comparecer e a madrinha de representação foi madrinha Judite que é sobrinha de Pe. Rafael e era menina na época.

Minha madrinha de Crisma foi madrinha Maricas e meu padrinho Carreira que eram os pais de madrinha Tereza e Nina. Era na casa de madrinha Maricas que eu ficava quando vinha a Ponte Nova passear depois de formada. Sabia que lá as portas e os corações estavam sempre abertos para mim a qualquer hora que eu chegasse. Aliás, as pessoas que eram do Serra e moravam em PN, eram muito gentis e todas tinham prazer em me receber, mas quando era prá dormir, eu preferia a casa da minha madrinha.

Madrinha Maricas, Nina, Miguel, as crianças que na época eram Maria Elvira e Maria Antônia sempre me tratavam com muito carinho, o que não atrapalhou para Madrinha Maricas me dar uma bela bronca, quando eu, achando que já era professora formada, dona do meu nariz, cheguei uma noite, bem tarde da rua. Eu estava com minha amiga Gislaine e tínhamos ido ver um show no Pontenovense.

Padrinho Carreira era uma das poucas pessoas que tinham carro no Serra, já em 1940. Quando ele chegava lá em casa o chic era ficar dentro do carro dele, junto com Maria José que era criada por padrinho Nutinho e madrinha Tereza.

Mamãe me contava que meu padrinho gostava sempre de me dar uma moedinha e me ver ir logo colocá-la no cofrinho. E eu gostava muito de conversar com madrinha Maricas, e ficava muito satisfeita quando mamãe ocupada na farmácia, me chamava para fazer sala prá ela.

Meu padrinho Carreira quando ainda estava forte e cheio de saúde mandou construir o seu túmulo no cemitério de PN. Era um túmulo muito bonito com uma linda imagem de Jesus batendo em

uma porta e que virou atração no cemitério, pois todos queriam conhecer o túmulo vazio,

Outra pessoa da minha família por quem eu tinha grande admiração e acho que ela nunca soube disso, foi madrinha Tereza.

Madrinha Tereza, para mim, foi uma santa. Não só por causa da família numerosa que criou, mas por causa da pessoa que ela foi, de sua postura diante da vida e dos percalços da vida. Ela foi o exemplo que eu gostaria de imitar como mulher, como mãe, e principalmente, como esposa. .

Nossa maior alegria era, nas férias, ir para Teixeiras para casa de Padrinho Nutinho e Madrinha Tereza, onde havia criança à vontade e a gente podia sumir para o quintal, onde havia criação de todo tipo, e frutas à vontade. E padrinho Nutinho gostava que cada criança fosse tratada como gente grande. À mesa éramos sempre servidos em primeiro lugar, no que mamãe não concordava com ele.

A casa de madrinha Tereza, também era chic, porque tinha banheira e era um luxo tomar banho de banheira!

Eu gostava também de ir para a casa da tia Oraide por causa de Cleusa que era da minha idade e desempatava a disputa das tias quem seria a mais carinhosa.

Lembro-me também da casa de Vovô Nunuto e Vovó Leontina pertinho da casa de Padrinho Nutinho, mas durou pouco, porque em 1946, vovô morreu e vovó fechou a casa e foi morar com Padrinho. Eu também não gostava de dormir lá porque havia um relógio antigo e toda vez que elé batia as horas, eu acordava. Nessa época, Cleusa é que vinha para a casa de Vovó e dormíamos com Tia Titininha que ficava até tarde contando história prá nós. Titininha também gostava de nos presentear com livros de histórias. Até hoje tenho muitos que ela me deu, mas não me lembro de ter atraído meus filhos. Eu adorava! Já sabia até de cor!

Lembro-me pouco de Vovô Nunuto e Vovó Leontina, pois morreram quando eu ainda era bem nova. Vovô quando eu tinha 15 anos e vovó quando eu tinha 15 anos. Mas me lembro muito de Vovó quando ela ia lá em casa do que quando eu ia à casa dela. Sei que ela era muito carinhosa e gostava que a gente se assentasse

no colo dela e gostava muito de brincar e contar histórias para nós.

No Serra, nós tínhamos também um Sistema Métrico muito especial: a medida de referência era D. Lilica.. Qualquer distância era medida assim: "como daqui ni D. Lilica"; "como de Antônio Pedro ni D. Lilica";"como de D. Lilica na Vargem"; "como de D. Lilica na igreja de baixo"....

Quando eu vinha de férias, ia diariamente comprar bolachas em casa de Nha nhá Cária. Até hoje me lembro dos olhinhos e do sorrisinho dela quando me entregava as bolachas Lembro-me muito também de Dufina, irmã dela que era muito doente e dependia muito dos cuidados de papai.

Uma vez, eu cismei de aprender a dirigir e pedi a seu Zé Estevão para me ensinar. Como achei que não seria de bom tom ficar andando de caminhonete sozinha com ele, pedi a Natalina que fosse conosco. Um dia estava tendo aula, quando veio um pintinho correndo para debaixo do carro. Eu gritei:

— Ai Zé Estevão! Olha o pinto!

E ele:

— Pois larga o pinto, menina, e toca o carro, que o pinto foge.

Eu morri de vontade rir, mas ficamos os três muito sérios. Só depois é que Natalina e eu morremos de rir.

Em um ano, houve uma enchente muito grande, em razão de uma tromba d'água que caiu nas cabeceiras do Ribeirão dos Patórios. Nós íamos para cima da palha de café na máquina de Seu Bellico para ver a água passar carregando móveis, criações, árvores e madeiras. E as pessoas comentavam que o Serra tinha uma praga de um padre, que passara por lá, que o ribeirão haveria de passar no meio da praça. Eu morria de medo e queria de todo jeito mudar para a "casa da estrela" que estava do outro lado da praça.

Quando chovia muito, ficávamos isolados de Ponte Nova, pois as chuvas costumavam levar as pontes ou mata-burros que eram de madeira e muito precários. No ano mesmo em que fui para o colégio pela primeira vez, mamãe foi me levar pois papai não quis a tarefa, e também não havia estrada para a baratinha. A chuva

havia carregado uma ponte e tivemos de descer da jardineira para ela atravessar o ribeirão, vazia e pegar os passageiros do outro lado. Lembro-me quem atravessou o ribeirão me carregando foi meu padrinho Juca Raimundinho.

Pois é. Fui intimada a publicar esta parte de minhas lembranças que estão escritas, pois elas estão se tornando infindáveis. Muitos outros fatos e pessoas eu gostaria de registrar. Aliás, vou continuar registrando, para meu prazer particular. Mas Augusto que agora é o meu incentivador principal quer que eu leve de todo o jeito estes rascunhos para a gráfica. Tenho pois, que colocar um final. O que me ocorre é que quando eu me encontrar, no Céu, com Madrinha Chiquinha poderei dizer a ela que segui seu conselho e não fiquei "mitida". Posso afirmar isso com certeza, e dando como testemunho as inúmeras amizades que continuei conquistando no decorrer da vida. Amizades de todo o tipo: pessoas ricas, pobres, crianças, idosas, homens, mulheres e de todas as cores. E continuo carregando comigo saudades sem tamanho dos amigos serrenses.

E para terminar mesmo, palavras muito originais, jamais escritas:

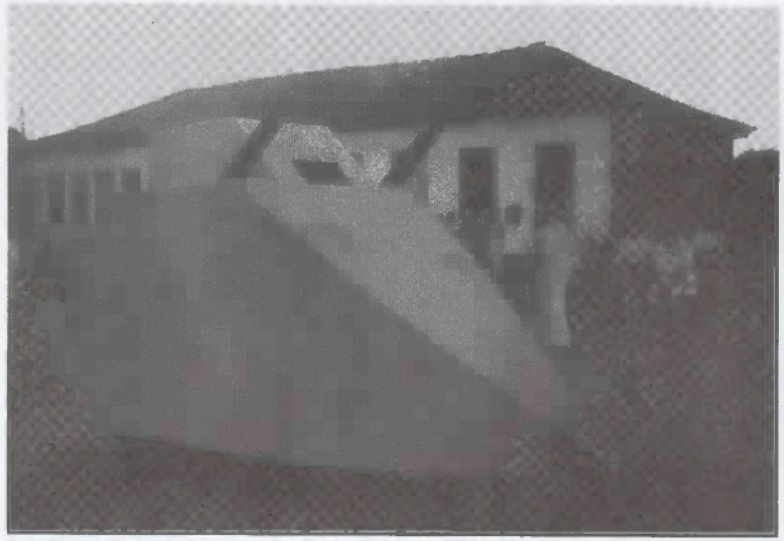
EU SAÍ DO SERRA,
MAS O SERRA NÃO SAIU DE MIM,
NEM DO MEU CORAÇÃO !

Papai, mamãe e eu

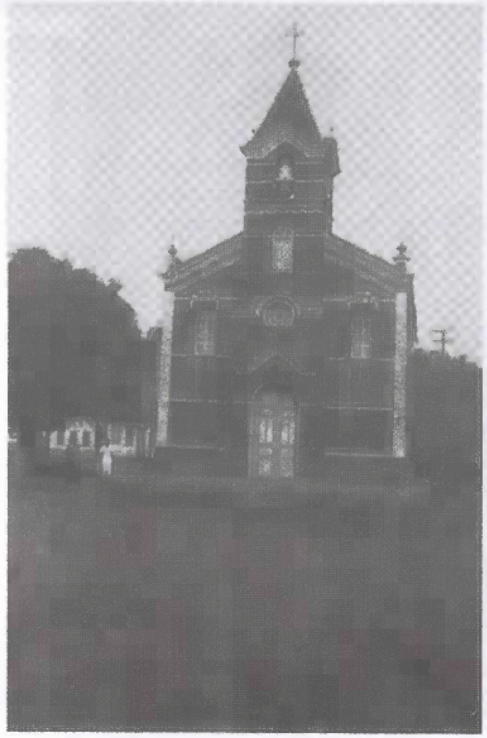
Eu, e a famosa cerca, onde Madrinha Chiquinha me dava angu

O teatro no qual eu não saí da caixa

Carnaval de seu Tucho



Carnaval de seu Tucho



A igreja "de baixo"

A primeira comunhão, com Tereza, Naná, Célia e Celina

LEMBRANÇA
DAS
MISSÕES EM AMPARO DO SERRA
pregadas pelos Lazaristas
Pe. Dermeval José Mont'Alvão
Pe. José Luiz Saraiva
Pe. Egidio Ribeiro de Aquino

◆

Nossa Senhora das Graças, Padroeira de nossas missões, guardai sob vossa especial proteção o bom povo do Amparo do Serra.

◆

O' Maria Concebida sem pecado rogai por nós que recorremos a vós.

22 a 31 de Agosto de 1947

Lembrança das missões

Dr. Antônio e um amigo

Seu Ivo Paoli, Nenê e o pai deles

Efigeninha, Donato, Carminha e Terezinha

Nenzinha, Avani e Efigeninha Neves

A banda, no tempo de Pe. Rafael

Teolinda

Chico Doutor, Nair e Jurandir

Importante

Caríssimos Leitoras ou Leitores:

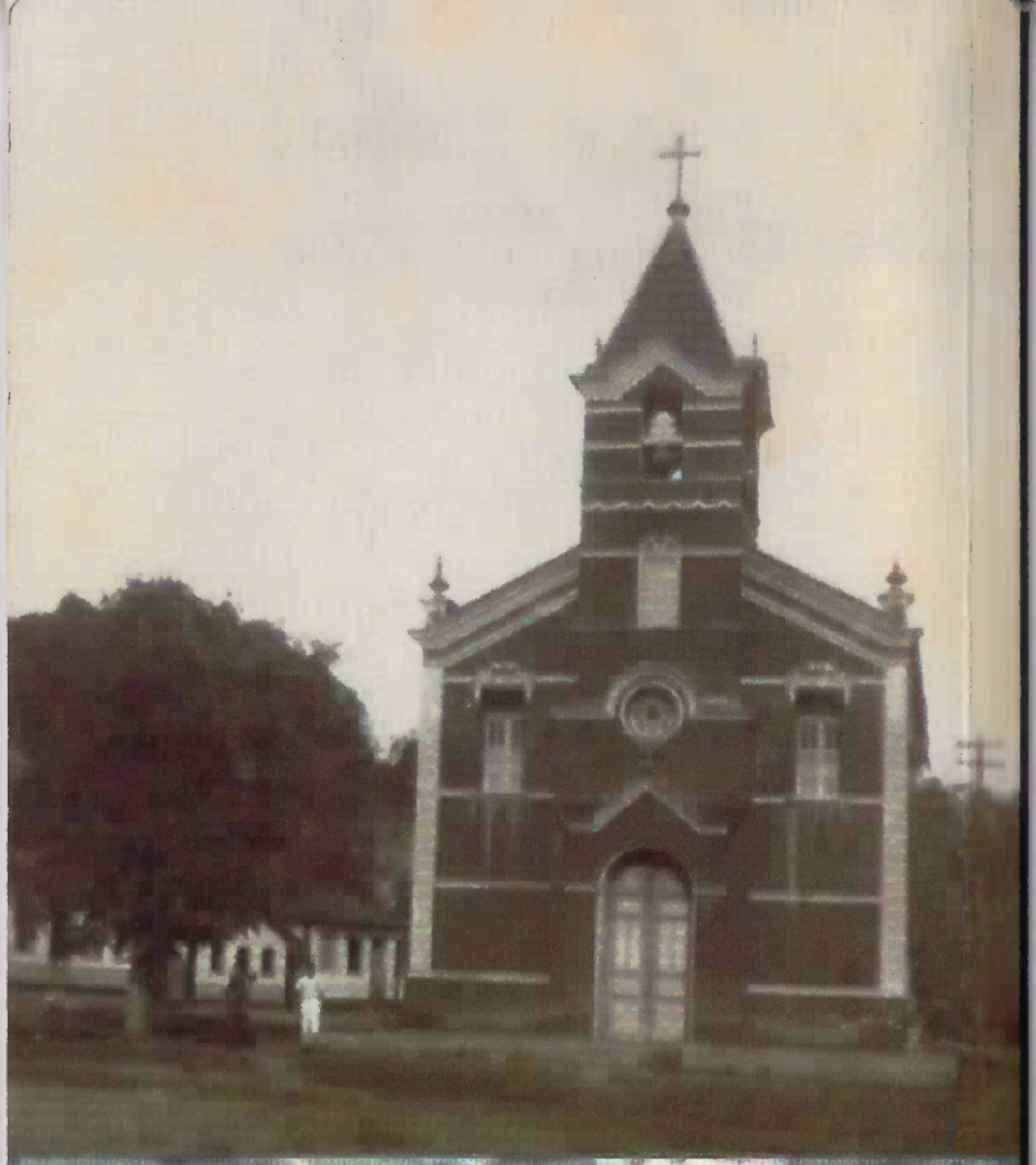
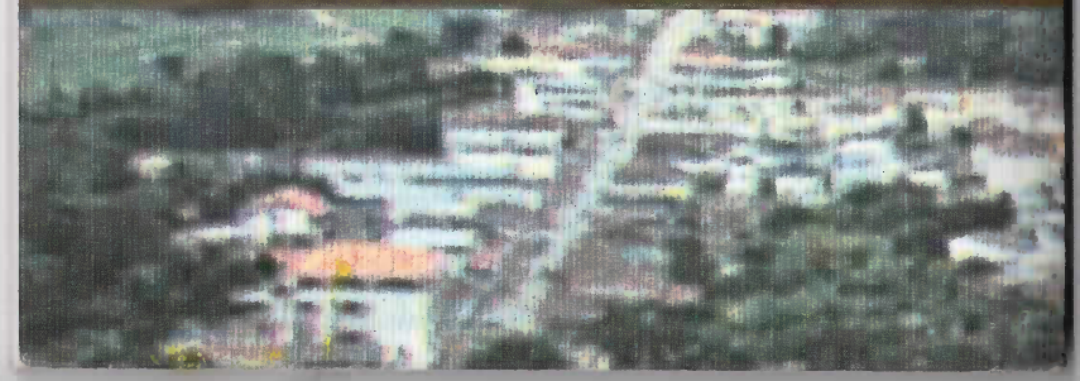
Todos os exemplares deste livro foram doados para a Sociedade de São Vicente de Paulo de AMPARO DO SERRA, com o objetivo de serem transformados em roupa, casa, comida ou remédio para os pobres de nossa terra.

Adquira o seu exemplar e faça presente de outros para seus amigos.

Ao adquirir um exemplar, por apenas cinco reais, você estará, também, colaborando para ajudar os pobres de nossa terra a terem uma vida mais digna.

Que Deus abençoe e multiplique os bens de todos aqueles que aderirem a esta causa!

Com muito Carinho

Rosarinha Brandão

Endereço:
Rua Conde Ribeiro do Vale, 125
Belo Horizonte-MG
CEP 31030-470
Telefone 3481-6919
Email – arinhabf@hotmail.com